OpenEdition Books   English   Share
HOME | CATALOGUE OF 14521 BOOKS | PUBLISHERS | AUTHORS | OPENEDITION SEARCH   All OpenEdition
OpenEdition Books > Publicações do Cidehus > Biblioteca - Estudos & Colóquios > O Corpo Feminino em Revista > Traços de higiene e cosmética no ...
Publicações do Cidehus
Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora
"Oh! O rico almoço de morangos"   Dos cuidados com os corpos femininos na revista *África Médica* (1934...
O CORPO FEMININO EM REVISTA

SEARCH INSIDE THE BOOK   OK
TABLE OF CONTENTS
CITE   SHARE

READ
OPEN ACCESS
READER MODE
EPUB
PDF FILE OF THE BOOK
CHAPTER IN PDF FORMAT
Freemium
FREEMIUM
Recommend to your library for acquisition
BUY
ePUB / PDF

Traços de higiene e cosmética no Portugal Novecentista

João Rui Pita and Ana Leonor Pereira

ABSTRACT   INDEX   TEXT   BIBLIOGRAPHY   NOTES
AUTHOR(S)   ILLUSTRATIONS

ABSTRACT

O processo de cientificação química e de laboratorialização que se operou nas últimas décadas do século XIX permitiu realizar análises de aplicação à saúde pública e construir uma nova cultura higienista. A distinção entre higiene pública e higiene privada foi-se afirmando nas últimas décadas do século XIX e durante a primeira metade do século XX. Portugal foi acompanhando a inovação científica produzida no estrangeiro. Nestas matérias, países como a Alemanha, a França e a Grã-Bretanha protagonizaram a criatividade no campo da higiene pública e privada. Entre finais do século XIX e inícios do século XX podem assinalar-se em Portugal diversos cientistas com preocupações nos domínios referidos e igualmente diversas instituições de higiene e saúde pública e outras ligadas à produção de cosméticos e de produtos de higiene corporal. A higiene pessoal, isto é, do corpo considerado individualmente, foi sempre uma parte constituinte da higiene privada. A higiene do corpo prendeu-se com práticas como a lavagem da face, do pescoço e das mãos, o banho, a limpeza da boca e dos dentes, a lavagem das zonas íntimas e dos cabelos, a limpeza das unhas, etc. As noções de limpo e de sujo são formatadas e normalizadas em função dos contextos histórico-geográficos e socioculturais. No presente capítulo os autores tratam da distinção entre higiene pública e privada e desenvolvem a temática da cultura higienista e cosmética, mostrando a importância da higiene e decoração do corpo, relacionando a realidade portuguesa com o contexto internacional, entre finais do século XIX e primeira metade do século XX.

INDEX TERMS

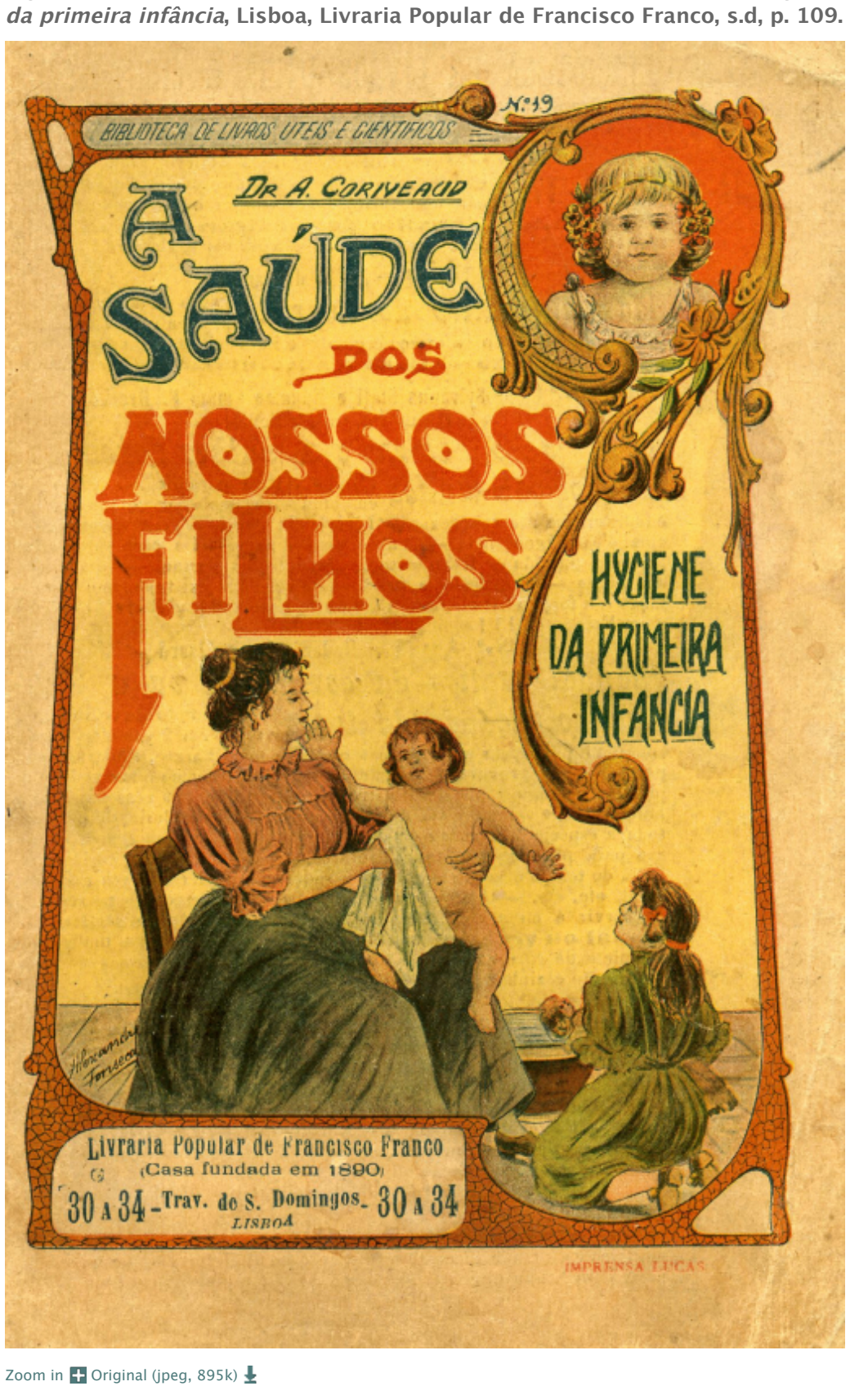
Palavras-chave : Higiene, higienismo, beleza, cosmética, corpo

FULL TEXT

Entre a higiene pública e a higiene privada

1 A distinção entre higiene pública e higiene privada foi-se afirmando nas últimas décadas do século XIX e durante a primeira metade do século XX [1]. A higiene pública é como irmã da saúde pública e do bem-estar das comunidades e a higiene privada prende-se com a higiene individual e familiar relacionada com a saúde individual. Na transição do século XIX para o século XX foram publicados muitos textos divulgativos, pequenas brochuras e folhetos sobre importantes questões de higiene pública, muitas vezes dando conselhos sobre higiene privada. Há outras publicações que se inscrevem no âmbito da higiene privada [2]. Os finais do século XIX e os primeiros anos do século XX têm a marca de duas grandes patologias de fácil contágio relacionadas quer com a vida pública, quer com a vida privada [3]. São elas a tuberculose e a sífilis. Portugal foi palco de um surto de peste em 1899, mas também outras patologias infeciosas marcaram o início do século XX português. Fernando da Silva Correia [4] refere que, entre 1916 e 1925, as seis principais causas de morte em Portugal foram a tuberculose (8980 mortes), a pneumonia (3849), o cancro (1777), a meningite (1734), a varíola (1705) e a febre tifoide (1163). Além destas convirá acrescentar a sífilis muito disseminada entre a população e obviamente relacionada com a vida pública e privada. Pela sua natureza, tipo de contágio e até pela carga simbólica que encerravam, tuberculose e sífilis eras duas temáticas muito versadas naquelas pequenas brochuras e folhetos divulgativos relacionados com a higiene e a saúde pública, mas também em estreita articulação com a problemática da conservação individual do corpo saudável.

Figura 1 – Capa da obra de A. Coriveaud, *A saúde dos nossos filhos. Hygiene da primeira infância*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, s.d, p. 109.


BIBLIOTECA DE LIVROS UTEIS E SCIENTIFICOS
Nº19
DR. A. CORIVEAUD
A SAÚDE DOS NOSSOS FILHOS
HYGIENE DA PRIMEIRA INFANCIA
Livraria Popular de Francisco Franco
(Casa fundada em 1890)
30 A 34 – Trav. de S. Domingos – 30 A 34
LISBOA
IMPRENSA LUCAS

Zoom in Original (jpeg, 895k)

2 Desde a segunda metade do século XIX, que a par da higiene pública começa a cultivar-se de um modo disciplinado a higiene privada assente em bases científicas. O surgimento da fisiologia experimental com Claude Bernard (1813–1878) e seus seguidores marca a construção do novo edifício científico da higiene individual e privada. Com a fisiologia experimental era possível avaliar e compreender o modo de funcionamento do organismo humano e, por isso, atuar cientificamente em matérias de higiene privada no corpo humano. Deste modo, era possível construir novos produtos que tivessem aplicação no corpo e fossem importantes para a sua higiene privada e a decoração do mesmo. Foi marcante neste domínio a publicação da obra de Claude Bernard intitulada *De la physiologie générale* (1872). Por toda a Europa, e também em Portugal, vão surgindo diferentes obras de higiene que testemunham justamente esta cientificação da higiene privada. Tanto obras científicas como obras divulgativas, estas de muita importância no plano educativo da população. Em Portugal, publicaram-se obras de autores portugueses e traduções como, por exemplo, Mrs. Bray, *Physiologia e Hygiene expostas em lições faceis para uso das escolas* (1891) [5].

3 O processo de cientificação da higiene operado nas últimas décadas do século XIX, isto é, o processo de laboratorialização da higiene, tendo por base o trabalho experimental realizado em laboratórios e sustentado nas inovações científicas de cariz físico-químico e nas inovações microbiológicas (sobretudo bacteriológicas) permitiu realizar análises de aplicação à saúde pública [6]. As análises de águas e de alimentos como vinhos, leites, carnes e peixes permitiram afirmar com segurança se os mesmos estavam em condições de consumo ou não. Do mesmo modo, os avanços que se operaram nos domínios das ciências físico-químicas, bem como nos domínios de outras ciências como a microbiologia, alicerçados em áreas emergentes como a fisiologia e a farmacologia experimental [7] permitiram abordagens inovadoras do corpo humano em articulação com a produção de novos produtos de higiene e de cosmética. Os desodorizantes e antitranspirantes são um exemplo duradouro desta abordagem do corpo. Deste modo, o progresso científico permitiu o emergir e consolidar de medidas legislativas e políticas aplicadas à saúde pública. Igualmente fundamenta o investimento em produtos de higiene e de cosméticos indo ao encontro do culto da autoimagem e da afirmação individual, na época dos liberalismos e dos imperialismos.

4 Portugal foi acompanhando a inovação científica produzida no estrangeiro. Nestas matérias países como a Alemanha, a França e a Grã-Bretanha assumem e protagonizam a criatividade no campo da higiene pública e privada. As suas inovações, bem como a vulgarização dos produtos provenientes dessas inovações foi fortemente veiculada em publicações periódicas médicas e farmacêuticas e noutras obras científicas publicadas, tanto de cariz mais científico como de orientação mais divulgativa. O modelo de vários países estrangeiros inovadores também esteve na génese da fundação de várias instituições em Portugal, tanto instituições estatais como instituições particulares. Entre finais do século XIX e o início do século XX, podem assinalar-se em Portugal diversos cientistas com preocupações nos domínios referidos, mas igualmente diversas instituições de higiene e saúde pública e outras ligadas à produção de cosméticos e de produtos de higiene corporal.

5 Assim sendo, são merecedores de referências ainda no século XIX nomes como os de Bernardino António Gomes (filho) (1806–1877), Januário Peres Furtado Galvão (n. 1808–?), Augusto Filipe Simões (1835–1884), Macedo Pinto (1814–1895), Manuel Bento de Sousa (1835–1899). Estes nomes ilustram uma comunidade científica que se dedica, de forma pioneira, em Portugal à problemática higienista de uma forma otimista e que caminhava para a fundamentação laboratorial. Januário Peres Furtado Galvão no seu *Curso elementar d'hygiene* era inequívoco ao referir logo a abrir a obra que "Se pela amplidão do objeto e importância do fim, é a Hygiene a primeira de todas as ciências, a primeira ainda deve ela considerar-se na escala das conveniências sociais e da proficuidade individual" [8]. Posicionada no topo da hierarquia das ciências por razões de interdisciplinaridade científica, de utilidade e interesse vital para o corpo social e individual, a higiene afirmava o seu poder, a sua urgência e as suas potencialidades no presente e no futuro. Além do combate epidemiológico, a higiene pública era detentora da chave do aumento da esperança de vida com qualidade.

6 Na viragem do século XIX e na primeira metade de novecentos outros vultos da ciência higiénica em Portugal protagonizam a cientificação e laboratorialização da higiene [9]. Ricardo Jorge (1858–1939) é um nome relevante em matéria de higiene pública podendo ser considerado o higienista mais marcante em Portugal na primeira metade do século XX [10] pois alcançou a institucionalização da higiene enquanto ciência multidisciplinar e interdisciplinar. A reforma dos serviços de saúde pública teve a sua génese com a aprovação da Reforma da Organização Superior dos Serviços de Saúde, Higiene e Beneficência Pública, em 1899 e, depois, em 1901 com o Regulamento Geral dos Serviços de Saúde e Beneficência Pública. Foi através deste documento que se consagrou o Instituto Central de Higiene [11]. Refere-se na legislação: "Art.º 115.º É criado em Lisboa um Instituto Central de Higiene, que tem por fim: 1.º Ministrar a instrução especial técnica e conferir o tirocínio profissional prático, necessário como habilitação de admissão aos lugares de médicos e engenheiros do corpo de saúde pública; 2.º Promover os trabalhos de higiene prática e a introdução dos melhoramentos de aplicação sanitária; 3.º Vulgarizar as conquistas da higiene e propagar a adoção dos seus processos e doutrinas, por meio de conferências de divulgação e da exposição permanente de espécimes, modelos, instrumental, gráficos e figuras, sobretudo quanto possa interessar à higiene pública; e 4.º Proceder às investigações e análises laboratoriais exigidas pelas inspeções sanitárias, especialmente de géneros alimentícios" [12]. Em 1929, a designação deste instituto é alterada para Instituto Central de Higiene Dr. Ricardo Jorge. A vocação higienista do Instituto estava explicitamente relacionada com a problemática da segurança do coletivo e do indivíduo [13].

7 O Laboratório de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra foi criado, em 1882, por iniciativa do médico e professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra Augusto Rocha (1849–1901). Inicialmente teve o nome de Gabinete de Microbiologia e posteriormente, também em 1901, pela reforma de estudos de 28 de dezembro de 1901, aquele estabelecimento da Faculdade de Medicina passou a designar-se por Laboratório de Microbiologia e Química Biológica. Esta instituição tinha um duplo objetivo: por um lado o ensino laboratorial de áreas da medicina como a bacteriologia, a parasitologia e a epidemiologia. Por outro lado, tinha o objetivo de realizar análises de aplicação à clínica, isto é, análises microbiológicas e serológicas, mas também preparação de vacinas para os Hospitais da Universidade de Coimbra. Além disso aquele Laboratório teve por objetivo realizar análises às águas de Coimbra, de dois em dois meses, além de realizar análises bacteriológicas de carnes para consumo, provenientes do matadouro municipal da cidade. Realizava também os inerentes trabalhos de investigação microbiológica. As medidas e indicações de higiene, tanto públicas como privadas, ganhavam, nesta transição do século XIX para o século XX, uma nova legitimação sustentada no trabalho laboratorial. O Laboratório de Microbiologia e Química Biológica é um excelente exemplo desta situação [14].

8 O Instituto Bacteriológico de Lisboa foi fundado pelo decreto de 29 de dezembro de 1892. Mais tarde, após a morte de Câmara Pestana (1863–1899) seu fundador, o Instituto recebeu o seu nome. Câmara Pestana é um dos muitos mártires da ciência e do cuidar médico, tendo falecido no contexto da peste que grassou no Porto e que vitimou vários profissionais de saúde. O Instituto Câmara Pestana foi criado no mesmo ano em que foi instalado o Laboratório Químico Municipal do Porto que teve no químico e professor universitário A. J. Ferreira da Silva (1853–1923) uma figura tutelar [15]. Este laboratório dedicou-se também à análise de produtos clínicos como cálculos, pus, fezes, escarros e líquidos orgânicos, leite de mulher e urinas, solicitados por receita médica, respondendo a uma procura cientificamente informada. Assinale-se, também na cidade do Porto, a fundação do Laboratório Municipal de Higiene, pela mão de Ricardo Jorge e que se assumiu como um dos laboratórios pioneiros nesta área do saber [16].

9 A dinâmica higienista conquistava as elites informadas e o poder político, arrastando o corpo coletivo para uma *forma mentis* emancipada das profundas marcas providencialistas. A argumentação da higiene, tanto privada como pública, sustentada em bases científicas laboratoriais constitui o núcleo das fontes historiográficas de tipo científico-médico como nas diversas publicações para o comum leitor. Também o facto de os trabalhos laboratoriais serem realizados ou tutelados por profissionais com formação científica e técnica credível (caso de médicos, farmacêuticos e químicos), confirmava o valor da higiene enquanto disciplina científica no quadro das disciplinas científicas médicas com forte aplicação à sociedade.

10 As questões higienistas eram focadas com regularidade em jornais e revistas científicas de diferentes áreas e em periódicos generalistas. Lembremos, por exemplo, *Coimbra Médica*, *A Medicina Contemporânea*, o *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, a *Gazeta de Pharmacia*, *A Pharmacia Portugueza*, o *Archivo Pharmaceutico*, a *Revista de Chimica Pura e Applicada*.

11 As bases científicas e laboratoriais da higiene em finais do século XIX e inícios do século XX em Portugal são expostas e difundidas, por exemplo, na *Coimbra Médica*, com os trabalhos de Joaquim dos Santos e Silva no domínio da análise química das águas. Sublinhe-se, também, o importante estudo de Vicente José de Seiça com Charles Lepierre *Analyse chimica das aguas de Coimbra sob o ponto de vista hygienico* (1898). Agostinho da Silva Vieira, lente do Instituto Industrial do Porto, publicou *Adulterações e pureza das principaes substancias alimenticias, obra escrita quanto possivel ao alcance de todas as intelligencias* (1882). São inúmeros os estudos publicados por A. J. Ferreira da Silva e Charles Lepierre, sobre águas de consumo público, águas termais, águas mineromedicinais, vinhos e aguardentes, óleos, leites e lacticínios diversos, tendo as suas análises como pano de fundo a problemática higienista. Entre os múltiplos estudos de Ferreira da Silva merece especial referência a notável obra *Documentos sobre os trabalhos de chimica applicada á hygiene do Laboratorio Municipal de Chimica do Porto* (1884–1904) (1904). Charles Lepierre (1867–1945) [17], francês de nascimento e português de adoção, figura tutelar da química aplicada à higiene, tanto privada como pública, tem uma enorme obra que retrata bem a química aplicada à higiene pública e à higiene privada. Os seus estudos sobre as águas mineromedicinais portuguesas é verdadeiramente notável e é uma das suas facetas que traduz a sua importância no campo higienista [18].

12 O saber histológico e fisiológico sobre determinadas partes e funções orgânicas do corpo humano como a pele e anexos cutâneos – mucosas, unhas, pelos e cabelos — mostrava-se capital para alargar o conhecimento sobre o corpo humano e assim sustentar a higiene privada em bases científicas. Os progressos que se operaram no domínio da microbiologia foram também decisivos para a higiene privada pois era possível compreender como os micro-organismos atuavam em determinadas condições do meio e no corpo humano e, por isso, tomar medidas preventivas adequadas e aplicar produtos de higiene e cosméticos ajustados. Com o conhecimento do processo da transpiração e do papel dos microrganismos no processo da transpiração foi possível criar produtos antitranspirantes e de desodorização corporal com bases científicas e eficácia devidamente comprovada. Pensa-se que foi em 1888 que surgiu o primeiro antitranspirante, uma solução aquosa que continha sais de alumínio e que permitiu abrir as portas aos antitranspirantes atuais.

13 Contudo, não bastava o conhecimento fisiológico do corpo para dar um novo impulso à higiene privada novecentista. O desenvolvimento da indústria química, em finais do século XIX e nos primeiros anos do século XX, foi decisivo para a produção de produtos cosméticos e de higiene corporal. Inclusivamente para a sua larga expansão e uma certa democratização do seu uso. Por isso, é acertado referir-se que "duas conquistas científicas fundamentais foram determinantes para a aplicação da química, nomeadamente da química industrial, a produção de artigos de beleza e de cosméticos. A primeira conquista é a síntese química, isto é a criação laboratorial de produtos [...]. A segunda conquista científica é o isolamento de substâncias ativas a partir de matérias-primas de origem natural" [19].

14 Com este estado de coisas estavam reunidas as condições para que a indústria cosmética e de produtos de higiene corporal iniciasse em finais do século XIX uma caminhada imparável por todo o século XX [20]. Um trajeto recheado de inovações e que acompanham a humanidade na prevenção da doença, na promoção da saúde e do seu bem-estar. Algumas preparações antigas foram renovadas com a utilização de novos produtos. Mas também surgem outras que causaram enorme deslumbramento: preparações para a barba, pastas dentífricas, desodorizantes, diversas preparações capilares, etc.. O mundo industrial traz para si a produção destes produtos do quotidiano. Alguns destes produtos surgem em indústrias farmacêuticas ou químicas, mas outros em indústrias criadas de raiz para esse efeito.

15 Efetivamente, ao longo do século XIX, surgem as primeiras e variadas indústrias que marcaram o século XX. Vejamos alguns casos de impacto notório na centúria de novecentos. Em 1806, William Colgate iniciou nos Estados Unidos da América o fabrico de sabões e gomas; em 1818, nos Estados Unidos, fundou-se a Peterson & Companhia, produtora de sabões; em 1820, E. Pinaud, em França, iniciou produção de perfumes; Spencer Kellogg, nos Estados Unidos da América, em 1822, fundou uma fábrica de óleos vegetais com aplicação em cosmética; em 1828, foi fundada em França a *Guerlain*, empresa produtora de perfumes; *E. Rimmel*, em 1834, abriu um laboratório de perfumes; *J. B. Williams*, nos Estados Unidos da América, em 1840, fundou uma unidade de produção de produtos para a barba; em 1852, na Grã-Bretanha, a *Becham*, veio a preparar produtos capilares; a *Palmolive* nos Estados Unidos da América, em 1864, começou a produção de sabões; em 1873, a *Colgate* inova com a produção da pasta dentífrica; na Alemanha, em 1882, foi fundada a *Beiersdorf & Company*, que veio a produzir cosméticos, dentífricos e o famoso creme *Nivea*; em 1885, na Grã-Bretanha, foi fundada a *Lever Brothers*, que se dedicou à produção de sabões e dentífricos; em 1887, a famosa *Johnson & Johnson* iniciou a produção de produtos para bebé, preparações capilares, dentífricos, entre vários outros produtos; em 1900, foi fundada, nos Estados Unidos da América, a *Sterling Products* que veio a dedicar-se à produção de champôs, cremes para a barba, etc. Em 1901, a Gillete & Cia nos Estados Unidos da América inventou um aparelho de barbear e depois fabrico de cosméticos. Em 1809, a l'Oreal iniciou, em França, a produção de cosméticos capilares. Em 1907, assinale-se a fundação do salão de beleza Helena Rubinstein, em Inglaterra. Em 1921, foi lançado o perfume Chanel n.º 5, em França. Em 1927, a firma Helen Curtis, nos Estados Unidos da América, iniciou a produção de cosméticos variados. Em 1928, foi fundada a empresa La Roche-Posay, em França. Em 1932, foi fundada, nos Estados Unidos da América, a Revlon.

16 Com estes exemplos facilmente se percebe que o processo de cientificação e de industrialização se operou com equivalente vigor na higiene privada. A dinâmica impressa tornou-se rapidamente uma dinâmica global que ultrapassou os limites do combate à doença e da sua prevenção. Efetivamente, "a higiene apodera-se do belo, molda-o de acordo não só com os meios científicos e técnicos de correção do mórbido e do inestético, mas também em consonância com protótipos de beleza que se foram sucedendo nos séculos XIX e XX" [21]. O século XX testemunha bem esta condição iniciada em finais do século XIX, como já assinalámos com estas palavras:

> "o culto das formas do corpo e o seu embelezamento plástico, mediante o recurso aos variados produtos sintéticos disponíveis num mercado competitivo, não é um fenómeno estranho às preocupações higienistas da época. Pelo contrário, o belo associa-se ao bem-estar físico e moral e o embelezamento não visa mascarar defeitos mas sim corrigi-los e, desse modo, transparecer a boa forma do indivíduo. Portanto, a relação entre o belo e o saudável não se reduzia a uma simples associação. A beleza dita verdadeira era entendida como o culminar da saúde. O belo adquiriu esta conotação médica após as revoluções científicas da química e da microbiologia e, obviamente, no decurso da industrialização farmacêutico-cosmética" [22].

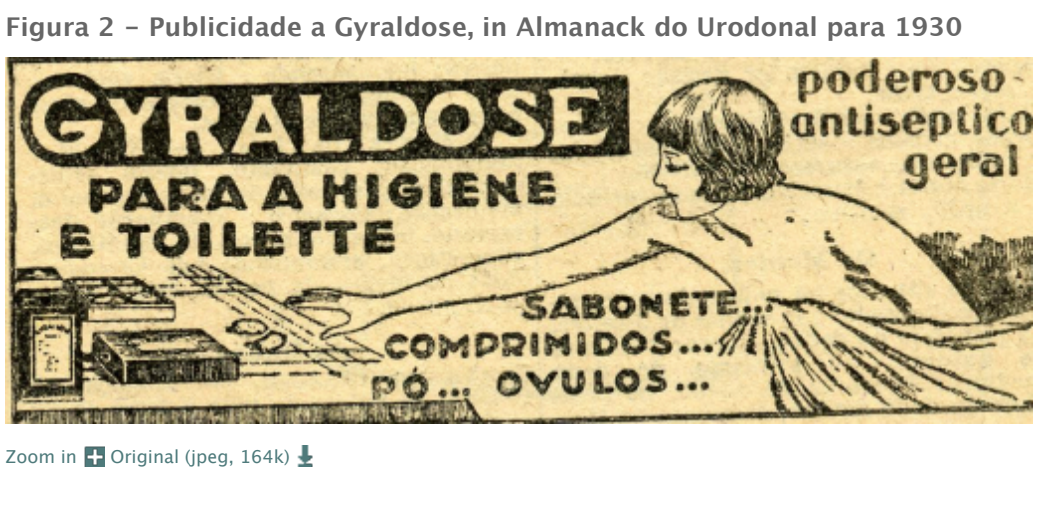
17 Também é inequívoco que a indústria cosmética de base científica, sobretudo a americana, a francesa e a alemã, teve um papel fulcral nesta representação do corpo que associa a beleza à condição de bem-estar saudável. Este processo cientificista de medicalização também incorpora um processo de moralização de modo que a trilogia belo-saudável-bom não tarda a povoar o inconsciente coletivo, familiar e individual. É inevitável que a trilogia contrária se legitime e perdure na cultura urbana novecentista pois, apesar de toda a cientificidade, o padrão do pensamento hierarquista e taxonomista atravessa toda a cultura desde a cultura científica às diferentes culturas sociais.

A cultura higienista e cosmética dos corpos

18 A higiene pessoal, isto é, do corpo considerado individualmente, foi sempre uma parte constituinte da higiene privada. A higiene do corpo, o asseio pessoal prende-se com práticas como a lavagem da face, do pescoço e das mãos, o banho, a limpeza da boca e dos dentes, a lavagem de zonas íntimas, a lavagem dos cabelos, a limpeza das unhas, etc. As noções de limpo e de sujo são formatadas e normalizadas em função dos contextos históricos socioculturais. Por exemplo, no século XX, o ritual, a natureza e as funções do banho alteraram-se de modo significativo, desde o início do século até ao seu final [23].

19 A água, mesmo abundante, não seria suficiente para lavar o corpo. Quer dizer, o sabão é desde há muito o elemento fundamental dessa lavagem. As partes visíveis do corpo, como o rosto, o pescoço e as mãos bem como as zonas ano-genitais, as axilas e os pés eram as que mais e melhores cuidados exigiam. A lavagem diária das partes visíveis era fundamental. Estava em causa a higiene, mas também a representação do corpo, através das mãos e do rosto. Os lavatórios e os bidés tornaram-se a breve trecho dois objetos fundamentais nos rituais diários da higiene [24]. No lavatório a lavagem de mãos, rosto e pescoço. No bidé as outras partes. No início do século XX, os quartos do banho eram compartimentos existentes em muitas residências. Por vezes, os lavatórios estavam também instalados nos quartos e nas próprias salas de refeições. A água era aquecida nos fogões a lenha, por vezes com caldeira. Depois águas quentes e frias eram levadas em jarros para os quartos. Os banhos eram tomados em banheiras de metal não fixas e facilmente transportáveis ou em banheiras mais fixas ao chão. Em habitações mais modestas a higiene era feita em locais mais comuns como as cozinhas ou também em tanques com água fria, fora da casa. Nas cidades, até meados do século XX, os balneários públicos eram fundamentais. Aí o banho podia ser tomado, proporcionando uma lavagem adequada e geral do corpo.

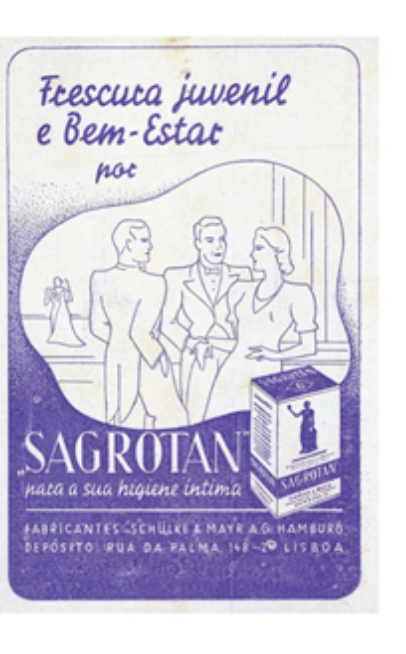
Figura 2 – Publicidade a Gyraldose, in Almanack do Urodonal para 1930


GYRALDOSE
PARA A HIGIENE E TOILETTE
poderoso antiseptico geral
SABONETE... COMPRIMIDOS... PÓ... OVULOS...

Zoom in Original (jpeg, 164k)

20 A higiene íntima das mulheres era diferente (pela própria condição anatómica e fisiológica) da higiene íntima masculina. Nas mulheres, o fluxo menstrual marcava uma diferença significativa no processo de higiene. Segundo um dicionário popular de higiene a menstruação era apresentada como um "corrimento sanguíneo que, periodicamente, se efetua através dos órgãos genitais da mulher" [25]. Como é sabido a menstruação suscitou ao longo da história diferentes interpretações, não apenas biológicas e higiénicas, mas muitas outras. Nessa mesma obra de higiene referem-se as influências biológicas e sociais das regras, nome dado ao fluxo menstrual. Dizia-se que as operárias e as raparigas filhas de operários, iniciavam a menstruação mais cedo do que todas as outras raparigas por causa "da desmoralização que nesses grandes meios sempre há e da excitação geral que dela provem" [26]. A mesma obra adiantava ainda que enquanto a mulher fosse menstruada, "convirá, qualquer que seja a abundância do corrimento, não dar grandes passeios nos dois ou três primeiros dias, não fazer viagens e, em geral, não se fatigar nessas épocas; sobretudo, terá o cuidado de evitar resfriamentos, de não molhar os pés, de não meter estes nem as mãos em água muito fria, e de só fazer as suas lavagens privadas com água morna" [27]. Já em plenos anos vinte do século passado, no periódico feminino Modas & Bordados este assunto da menstruação e sua higiene era focado muito livremente. Localizámos publicidade a diversos produtos para a higiene íntima feminina como, por exemplo, o Aseptal, mas também outros produtos reguladores da menstruação, panos menstruais, etc. A proteção externa das mulheres relativamente aos fluxos menstruais alterou-se substancialmente em meados do século XX com a difusão do tampão. A utilização dos tampões, bem como dos pensos higiénicos é um ritual da higiene íntima que se vulgariza com a entrada das mulheres em larga escala no mercado de trabalho, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial.

Figura 3 – Sagrotan, Ilustração Portuguesa, 2ª série, 975, 1938


Frescura juvenil e Bem-Estar por
SAGROTAN
para a sua higiene íntima

Zoom in Original (png, 113k)

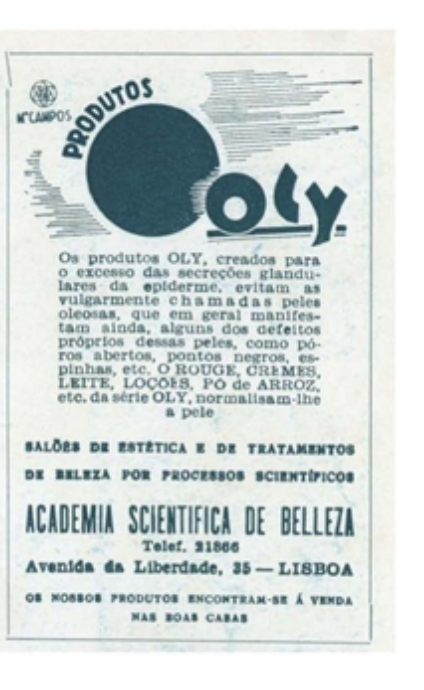
21 A higiene do corpo era feita com sabões que habitualmente não tinham aroma. A sua função principal era retirar a sujidade e desengordurar. Foi em finais do século XIX que surgiu um sabão aromatizado, designado sabonete, que rapidamente conquistou grande popularidade na comunidade familiar. Lavar e retirar a sujidade não era unicamente a função do sabonete. Aromatizar e conceder um bom aroma ao corpo era também tarefa dos sabonetes. Inicialmente o sabonete era acessível às famílias mais abonadas economicamente, mas democratizou-se à medida que o seu custo ia descendo de modo significativo. Os sabonetes tornaram-se um produto de consumo muito apetecível para as indústrias de cosméticos e para a comunidade familiar. Por isso, foram muitas as empresas que se dedicaram à produção de sabonetes. Tanto instituições multinacionais como instituições nacionais de pequena dimensão ou de grande dimensão dedicaram-se à produção de sabonetes. A *Lux*, uma empresa que foi pioneira na produção de sabonetes, divulgou e colocou os seus famosos sabonetes em muitos países do mundo, não somente devido à qualidade do produto, mas também à frutuosa publicidade que realizou, usando em cada país figuras públicas do mundo das artes e do espetáculo. Em Portugal, a *Lux* contratou Amália Rodrigues para esse fim. Contudo, deve dizer-se que o surgimento dos sabonetes não substituiu os sabões. Estes continuaram a ser consumidos embora com alguns objetivos diferentes, mas sempre como instrumento de higiene.

22 Após a II Guerra Mundial (1939–1945), o consumo mais elitista de cosméticos [28], que se verificava no início do século XX, ia dando lugar a um consumo tendencialmente em massa de produtos de cosmética e de higiene corporal, sustentados em bases científicas e produzidos industrialmente. Gradualmente, os cosméticos iam-se tornando um espelho do processo de medicalização da sociedade. Um corpo limpo, aromatizado e decorado era visto como um corpo em equilíbrio saudável, isto é, um corpo seguro e protegido contra as invasões microbianas exteriores. Por isso, facilmente se compreende a vulgarização dos antitranspirantes e desodorizantes, dos dentífricos anti cárie, etc. entre muitos outros, mas também dos protetores solares contra as agressões do sol. Os cosméticos contribuem para o bem-estar individual prevenindo e protegendo, mas também decorando, afirmando e consolidando uma estética baseada em argumentos científicos e médicos. Gradualmente, os cosméticos foram convergindo com a definição de saúde da Organização Mundial de Saúde –OMS, segundo a qual a saúde é um "estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consistindo somente na ausência de uma doença ou enfermidade" [29].

23 Os cosméticos ao contribuírem para o bem-estar físico, mental e social dos homens e das mulheres, funcionam como mediadores positivos da saúde privada e pública. Foi neste horizonte cultural que, em todo o mundo, se estabeleceram gabinetes e institutos de beleza. Do mesmo modo, não é surpreendente o investimento que foi feito pelas empresas na publicidade o que incentivou a gradual democratização da cosmética, sobretudo com a presença da mulher no mercado de trabalho.

24 É muito interessante verificar que, também em Portugal, aparecem estabelecimentos de beleza como a Academia Científica de Beleza Madame Campos, fundada em 1912. Esta instituição foi criada pela farmacêutica Inácia Camila da Fonseca Pereira Campos. Nascida em 1875, em Leiria, casou com o farmacêutico Eduardo Mateus Campos, estabelecido com farmácia em Gouveia, desde 1894. Após ficar viúva, em 1904, foi estudar para a Universidade de Coimbra onde concluiu o curso de farmácia, em 1908. Depois de trespassar a farmácia, fixou-se em Lisboa, assumindo a propriedade da Farmácia Luso-Britânica. Em Paris estudou cosmética, nomeadamente na Escola Francesa de Paris, onde obteve o diploma de frequência em massagem médica, estética, pédicure, manicure e tintura de cabelo e ainda formação em química aplicada à produção de perfumes. Também se deve assinalar que foi massagista assistente no hospital Hotel de Dieu, naquela cidade. Em 1910, após trespassar a farmácia em Lisboa, inaugurou, em 1912, na Avenida da Liberdade, o primeiro instituto de beleza de Portugal — a Academia Científica de Beleza Madame Campos — e que em 1922 teve no Rio de Janeiro, Brasil, um estabelecimento congénere. Fazia tratamentos de beleza com aplicação de cosméticos, tirando partido de meios tecnológicos sofisticados. Havia recurso à massoterapia, electroterapia e mecanoterapia, fazendo-se a "cura da obesidade", a "redução parcial da gordura", o tratamento das rugas através da eletricidade, entre outros. Madame Campos começou a produzir, com enorme sucesso, também os seus produtos cosméticos, com marca comercial própria e uma adequada distribuição.

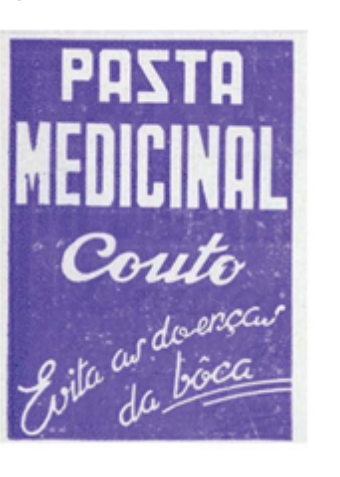
Figura 4 — Publicidade a produtos Oly, que se comercializavam na Academia Científica de Beleza [Madame Campos], 2ª série, 971, 1936


Mª CAMPOS
PRODUTOS Oly
Os produtos OLY, creados para o excesso das secreções glandulares da epiderme, evitam as vulgarmente chamadas peles oleosas, que em geral manifestam ainda, alguns dos defeitos próprios dessas peles, como póros abertos, pontos negros, espinhas, etc. O ROUGE, CRÊMES, LEITE, LOÇÕES, PÓ de ARROZ, etc. da série OLY, normalisam-lhe a pele
SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS SCIENTÍFICOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
Telef. 21866
Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA
OS NOSSOS PRODUTOS ENCONTRAM-SE Á VENDA NAS BOAS CASAS

Zoom in Original (png, 121k)

25 Em Portugal, no início do século XX, os sabonetes de marca *Ach Brito* foram também um sucesso. A empresa foi fundada em 1887, pelos alemães Ferdinand Claus e Georges Schweder e adquirida em 1918 por Achiles de Brito. Durante dezenas de anos, os sabonetes ali produzidos eram muito populares o que contribuiu para que a empresa se tornasse rapidamente numa empresa líder no mercado. Após algum período de estagnação, em 1994, passou por uma profunda renovação. Os bisnetos do proprietário e gerente Achiles de Brito assumiram a liderança da empresa. A fábrica transferiu-se para Vila do Conde tomando como aposta prioritária o fabrico artesanal de sabonetes, abrindo as portas à renovação da popularidade.

Figura 5 — Pasta Medicinal Couto, Ilustração Portuguesa, 2ª série, 975, 1938


PASTA MEDICINAL
Couto
Evita as doenças da bôca

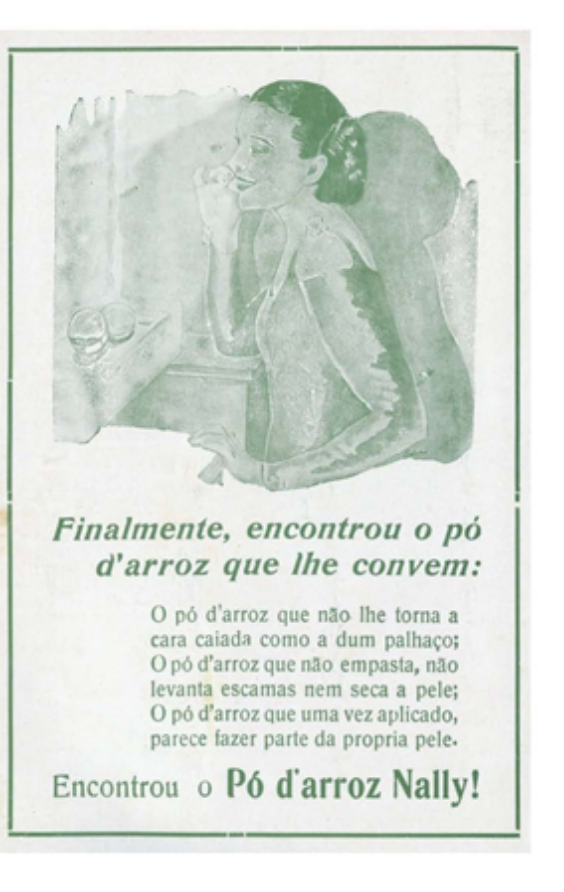
Zoom in Original (png, 76k)

26 A *Pasta Medicinal Couto*, hoje *Pasta Dentífrica Couto*, foi criada em 1932. Em 1918, foi criada na cidade do Porto a firma *Flores & Couto*. Em 1931, esta empresa tomou o nome de *Couto Lda* ficando sob a administração única de Alberto Ferreira Couto. Em 1932, a *Pasta Medicinal Couto* foi registada. Para isso a firma contou com a colaboração de um dentista como garantia da capacidade científica da pasta de higienizar e tratar algumas doenças da boca. Recorde-se que, por exemplo, a sífilis tinha reflexos a nível da cavidade bucal e constituía, na época, um problema grave de saúde privada e pública. Em 1996, a firma transformou-se em Sociedade Anónima, alterado a designação para *Couto S. A.* Durante muitos anos, desde a sua fundação até aos anos 80 a 90 do século XX, a *Pasta Medicinal Couto* foi muito publicitada em Portugal tornando-se um símbolo dos produtos de higiene de origem portuguesa.

27 Outra marca portuguesa interessante surgida nos finais do século XIX e com muita popularidade no século XX foi a *Saboaria e Perfumaria Confiança*, fundada em Braga, em 1894. Especializada no fabrico de sabão rapidamente esta empresa passou também a trabalhar com outros produtos de higiene, consolidando-se com marcas próprias e fórmulas originais. Nos anos de 1920, a marca *Confiança* produzia sabonetes, pó de arroz, água-de-colónia, sabonetes medicinais, extratos extrafinos e óleos com origem na flora das antigas colónias portuguesas.

28 Muitas outras marcas de sabonetes e de outros produtos de higiene e de cosmética se fizeram em Portugal de Norte a Sul. Apenas, como exemplo, podem citar-se os sabonetes *Feno de Portugal*, os Vizela, etc., muito publicitados em revistas médicas, farmacêuticas e em publicações generalistas.

Figura 6 — Pó de Arroz Nally, Ilustração Portuguesa, 2ª série, 974, 1938


Finalmente, encontrou o pó d'arroz que lhe convem:
O pó d'arroz que não lhe torna a cara caiada como a dum palhaço;
O pó d'arroz que não empasta, não levanta escamas nem seca a pele;
O pó d'arroz que uma vez aplicado, parece fazer parte da propria pele.
Encontrou o Pó d'arroz Nally!

Zoom in Original (png, 172k)

29 A higiene ano-genital depois das defecações foi uma área de significativas alterações ao longo do século XX. Em alguns meios rurais, o carolo do milho era utilizado para a limpeza anal. Noutros casos eram utilizados folhas de vegetais, folhas de árvores, bocados de tecido, de pano, musgos, espigas, palha, cascas de frutos, etc. O uso do papel também era frequente ao longo do século XX, particularmente o papel de jornal ou outro papel. Uma das alterações mais profundas ao longo do século XX para a limpeza anal foi o surgimento do papel higiénico. Este foi concebido por Joseph Gayetty, em 1857. Em 1879, os irmãos Edward e Clarence Scott produziram em grande escala um papel muito leve, macio, em rolo. Esta descoberta foi notável pelo facto de ser muito eficiente e de muito fácil utilização. Outra inovação importante no papel higiénico foi o picotado, inventado pelo norte-americano Seth Wheeler, de Albany, Nova Iorque, que obteve diversas patentes e inventou um suporte para o interior do rolo, por finais do século XIX. A sua vulgarização foi muito rápida e iniciou-se, sobretudo, nas famílias mais abonadas economicamente tendo-se democratizado por meados do século XX.

30 Por volta de 1900–1920, a higiene diária consistia na lavagem do rosto com água e com sabonete. O banho geral era semanal, embora nem sempre. O corpo era colocado em água, em tina própria – a banheira –

---

[1] A pesquisa sobre a temática da higiene pública e da higiene privada, bem como a história das prátic (...)

[2] Veja-se, por exemplo, A. Coriveaud, *A saúde dos nossos filhos. Hygiene da primeira infância*, Lisboa (...)

[3] Assinale-se sobre a história da vida privada, além da obra atrás referida *História da vida privada* (...)

[4] Fernando da Silva Correia, *Portugal sanitário*, Coimbra: Dissertação de doutoramento, 1937.

[5] Ver: Mrs Bray, *Physiologia e Hygiene expostas em lições faceis para uso das escolas*, Lisboa: Typogr (...)

[6] Veja-se, por exemplo, J. M. Teixeira de Carvalho, "Exposição de hygiene urbana em Paris (notas de v (...)

[7] Cf. João Rui Pita, "Práticas científicas à volta de 1900: química, microbiologia e saúde pública em (...)

[8] Januário Peres Furtado Galvão, *Curso elementar d'Hygiene*, Porto: Typographia Commercial, 1845, p. I (...)

[9] Em Portugal, tal como em países estrangeiros, a temática da higiene, tanto pública como privada, fo (...)

[10] Ver de Ricardo Jorge, *Hygiene social applicada á Nação Portugueza. Conferencias feitas no Porto*, Po (...)

[11] Sobre a organização dos serviços de saúde em Portugal veja-se: F. A. Gonçalves Ferreira, *História d* (...)

[12] Cf. Regulamento Geral dos Serviços de Saúde e Beneficência Pública de 24 de dezembro de 1901. In *Bo* (...)

[13] Sobre Ricardo Jorge ver: Rui Manuel Pinto Costa, *Ricardo Jorge: Ciência, humanismo e modernidade*, C (...)

[14] Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, "A 'nave' dos micróbios na Universidade de Coimbra". In: *Patrimó* (...)

[15] Cf. Jorge Fernandes Alves; Rita C. Alves, "Ferreira da Silva e o Laboratório Químico Municipal do P (...)

[16] Cf. Ana Leonor Pereira, João Rui Pita, "Liturgia higienista no século XIX — pistas para um estudo", (...)

[17] Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "Charles Lepierre au Portugal (1867-1945). Son influence décisi (...)

[18] Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal... , p. (...)

[19] Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal". In: J (...)

[20] Sobre a história da indústria cosmética veja-se: Florence E. Wall, "Historical Development of Cosme (...)

[21] Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal...", p. (...)

[22] Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal...", p. (...)

[23] Uma visão geral sobre a higiene do corpo vide a obra clássica mas muito importante de Georges Vigar (...)

[24] Sobre o bidé leia-se o breve apontamento de Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "Au Portugal aussi... (...)

[25] *Diccionario de hygiene e medicina al alcance de todos*, Lisboa: João Romano Torres & Cia Editores, 1 (...)

[26] *Diccionario de hygiene e medicina ao alcance de todos*... p. 366.

[27] *Diccionario de hygiene e medicina ao alcance de todos*... p. 366.

[28] Sobre a história geral dos cosméticos veja-se, por exemplo, S. K. Chaudhri e N. K. Jain, "History o (...)

[29] Cf. Moacyr Scliar, "História do conceito de saúde", *Physis. Revista de Saúde Coletiva*, n.º 17 (1), (...)

facilmente movível. Habitualmente as banheiras eram de zinco, de madeira e de ferro esmaltado. Havia banheiras com diferentes formatos que tinham que ver com o tipo de banho. Os banhos podiam ser globais, de tronco, de assento, meios banhos e afusões. Com frequência, a banheira não era fixa. Também não era demasiado pesada e, assim, era facilmente transportada e colocada no local desejado. Este podia ser o quarto do banho ou outro lugar na casa. A água era aquecida em caldeiras ou panelas e levada até às banheiras.

31 Para completar o elenco de utensílios para o banho, adicionava-se uma variedade considerável de outras peças que compunham a sala do banho. Por exemplo, uma banheira de assento, uma banheira de pés, uma *chaise-longue* para massagens, um toucador, duas ou três cadeiras de apoio, um cabide para lenços e toalhas. Para os banhos de assento, as banheiras eram de menores dimensões quando comparadas com as banheiras de meios banhos e banhos completos. Os banhos de assento destinavam-se a fazer a higiene das zonas ano-genitais. Muitas vezes a higiene dessas zonas era decorrente de diferentes situações patológicas e da conduta sexual. Os banhos de tronco eram feitos do seguinte modo: o tronco era imerso na banheira e as pernas ficavam do lado de fora. As afusões, isto é, jatos de água vertidos sobre o corpo, consistiam em regar as pernas habitualmente com água, estando a pessoa de pé dentro de uma banheira de muito reduzidas dimensões. Nos meios banhos, as pessoas eram colocadas sentadas numa banheira, ficando fora de água a parte superior do tronco e a cabeça. No chamado banho geral, o corpo era imerso na água ficando o tronco, os braços e as pernas dentro da água e apenas a cabeça de fora.

32 No século XX, o entendimento de que o asseio individual passava também pelo banho foi gradualmente assumido nos meios citadinos. O banho, o banho higiénico, tinha por objetivo retirar da pele a sujidade acumulada, ou seja, as substâncias sebáceas, os resíduos deixados pela evaporação do suor, restos de poeiras e outra sujidade do ar, etc.. A remoção desta sujidade era considerada como necessária. A pele suja é entendida como contrária à saúde podendo obstruir os poros e impedir a eliminação, através da pele, de substâncias nocivas ao organismo. O banho tinha também por objetivo retirar da pele os micróbios que existiam nas camadas superficiais da pele e nas pregas, sendo a pele suja mais propícia à proliferação de insetos, pulgas, piolhos, percevejos, mosquitos, etc. Com os avanços operados no campo da dermatologia e da ciência cosmética esta ideia foi reforçada com provas científicas. Com efeito, em final do século XIX, a limpeza da superfície cutânea era tida como uma absoluta necessidade para a remoção da sujidade e de eventuais secreções cutâneas com repercussões negativas no funcionamento das funções da pele. Sem limpeza, o corpo ficava exposto ao surgimento de reações inflamatórias e até infeções provocadas por diferentes micro-organismos que existem na superfície cutânea e que na sujidade encontram condições propícias à sua proliferação.

33 Desde modo, o banho foi sendo gradualmente assumido como uma prática com múltiplos sentidos, confluentes em objetivos bem determinados: higiénico, terapêutico, preventivo e de bem-estar, inclusivamente psicológico. Neste horizonte cientista, a medicalização tomou conta do corpo através das práticas higiénicas como o banho que acabaria por se tornar diário, em muitos meios.

34 Ao longo do século XX, surge, sobretudo, em meios citadinos, o banho de duche. Tomar banho e ficar perfumado impunha-se como uma linguagem médica-higienista, mas também com um código de comunicação social em contextos familiares, laborais, de lazer ou outros, sobretudo nas classes burguesas. A aceleração da vida quotidiana no século XX, de acordo com o tempo da produção industrial, adapta-se melhor ao duche diário e rápido. As razões médico-higienistas asseguraram o sucesso do duche. Nalgumas revistas, mesmo revistas destinadas ao público feminino, como *Modas & Bordados* o banho de duche é divulgado.

35 Os banhos podiam ser de água fria, tépida e quente. Os banhos frios e os banhos quentes eram frequentemente relacionados com o vigor físico, associado à robustez orgânica e psicológica do corpo. Habitualmente os banhos de limpeza ficavam nas temperaturas entre os 25 e os 33 graus. Também se afirmava que os banhos de chuveiro tinham associado o objetivo de estimular o funcionamento do sistema nervoso.

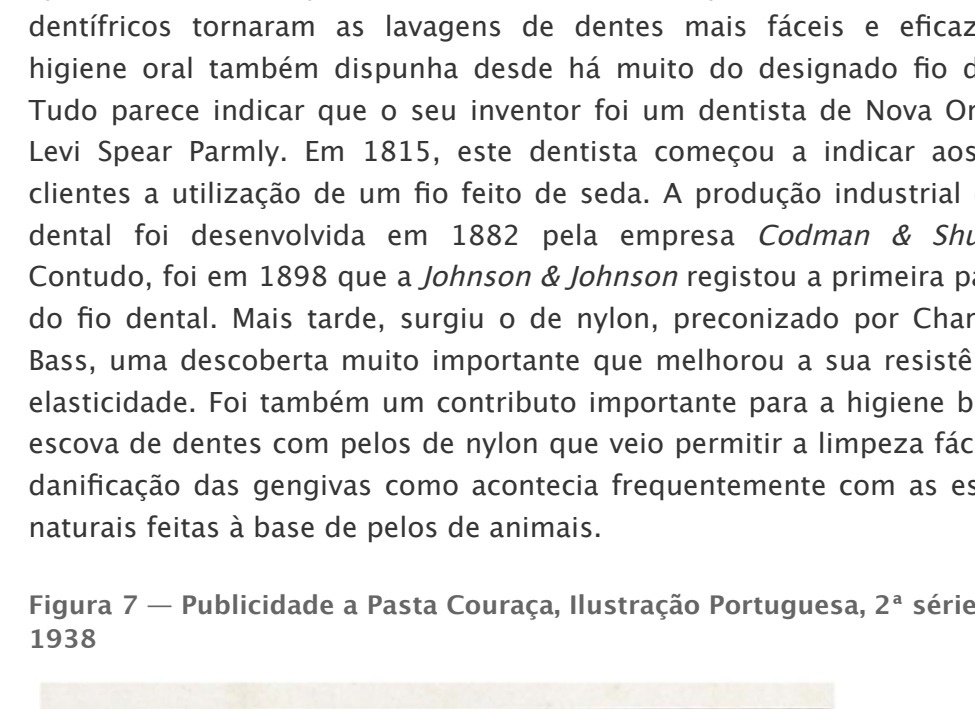
36 Na água dos banhos podiam integrar-se substâncias aromatizantes e outras para outras funções. Era vulgar serem associados à água produtos como sêmeas para branquear a pele; amido para dar elasticidade; gelatina para suavizar; tília para acalmar os temperamentos nervosas; glicerina para combater as irritações cutâneas; farinha de aveia para branquear, etc.. Em muitas situações, a massagem depois do banho completava os seus efeitos benéficos.

37 Na higiene pessoal, para além do banho, era essencial a lavagem das mãos. Esta prática era considerada como medida capital na higiene diária uma vez que esta parte do corpo está em contacto mais frequente com fontes de contaminação. As mãos são vistas como portas de entrada de agentes microbianos no organismo. As recomendações da prática de lavagem das mãos eram abundantes na literatura higienista. No início do século XX, recomendava-se que as mãos, as unhas, os punhos e os antebraços fossem lavados de manhã e à tarde e também antes e depois das refeições. A lavagem antes das refeições revestia-se da maior atenção bem como a lavagem após as dejeções. Para completar o ciclo da lavagem, vem a secagem das mãos que deveria ser feita numa toalha individual, limpa e distinta da do rosto. Antes da vulgarização do banho diário recomendava-se a lavagem diária dos pés todas as tardes. Reservava-se para a lavagem da cara a periodicidade bidiária, ou seja, todas as manhãs e todas as tardes.

38 Nos homens, a prática do barbear diário foi sendo gradualmente estabelecida. O bigode e a barba conheceram, ao longo do século XX, diferentes fases. Todavia, a face barbeada ganhou ascendente como sinónimo de rosto limpo, saudável e polido. Nas cidades, além do banho e da lavagem das mãos e do rosto, recomendava-se aos homens a prática do barbear diário. O ato de barbear podia ser realizado em casa ou no barbeiro. Recomendava-se que o recurso ao barbeiro não fosse diário pois poderia haver o perigo de contágio de várias doenças. Com o advento de doenças infeciosas, como hepatites B e sida e o conhecimento dos seus mecanismos de propagação, as medidas preventivas relativamente às lâminas a utilizar tornaram-se preocupação em muitos homens que recorriam aos barbeiros para fazerem a barba. Para prevenir, seria preferível cuidar da barba crescida e a moda não tardaria a responder às necessidades várias e aos medos conscientes ou inconscientes.

39 Relativamente à boca e aos dentes, a recomendação era que deviam ser lavados de manhã ao levantar e à noite ao deitar. Contudo, a higiene não se deveria limitar a estes dois momentos. Recomendava-se que eles deveriam ser também lavados depois de cada refeição, com uma água aromatizada ou com uma água antisséptica e com pó ou pasta. Os dentífricos mais antigos que se conhecem são pós. Antes, os dentes eram higienizados com produtos vegetais. Se os pós dentífricos foram um avanço muito significativo relativamente aos produtos vegetais na limpeza dos dentes, o aparecimento das pastas dentífricas e mais perto de nós os geles dentífricos tornaram as lavagens de dentes mais fáceis e eficazes. A higiene oral também dispunha desde há muito do designado fio dental. Tudo parece indicar que o seu inventor foi um dentista de Nova Orleães, Levi Spear Parmly. Em 1815, este dentista começou a indicar aos seus clientes a utilização de um fio feito de seda. A produção industrial do fio dental foi desenvolvida em 1882 pela empresa *Codman & Shurtleft*. Contudo, foi em 1898 que a *Johnson & Johnson* registou a primeira patente do fio dental. Mais tarde, surgiu o de nylon, preconizado por Charles C. Bass, uma descoberta muito importante que melhorou a sua resistência e elasticidade. Foi também um contributo importante para a higiene bucal a escova de dentes com pelos de nylon que veio permitir a limpeza fácil sem danificação das gengivas como acontecia frequentemente com as escovas naturais feitas à base de pelos de animais.

Figura 7 — Publicidade a Pasta Couraça, Ilustração Portuguesa, 2ª série, 974, 1938



Zoom in Original (png, 308k)

40 Nos finais dos anos 30 do século XX, alguma literatura educativa sobre os preceitos de higiene indicava ainda lavagem diária das fossas nasais e dos canais auditivos, isto é, do nariz e dos ouvidos. A partir de meados do século, *grosso modo*, e à medida que o final do século se aproximava, os incentivos à lavagem nasal foram-se acentuando. Recomendava-se o soro fisiológico, algumas variedades de águas termais e de águas do mar, usando estes produtos na cavidade nasal, sobretudo em determinadas condições do ambiente e também como medida preventiva contra doenças do foro respiratório. Além da higiene, as gotas nasais podiam contribuir para a hidratação da cavidade nasal e para aumentar a resistência da mucosa nasal, perante situações alergénicas ou outras. Também no caso do nariz e das orelhas é notório o sentido médico-higienista do limpo em contraste com o sujo associado ao patológico ou ao patogénico.

41 A lavagem do cabelo tem sido, ao longo da história, objeto da maior atenção. No século XX, as longas cabeleiras postiças de tempos antigos, bem como os sofisticados penteados vão dando lugar a penteados menos complexos e mais práticos, embora não menos exigentes em matéria de cuidados. Recomendava-se uma lavagem semanal para o cabelo, com água e sabão, sendo vulgar "sabão azul" a escolha recorrente. Por vezes recomendava-se associar à água alguma proporção de álcool ou água-de-colónia. Para conceder robustez e beleza ao cabelo era importante pentear os cabelos de manhã e à tarde, usando pentes individuais por uma questão médica-higiénica. Nos finais do século XIX, surgem os primeiros champôs. Contudo, estes produtos só se vulgarizaram em Portugal na segunda metade do século XX, depois da sua comercialização em massa por volta dos anos 20 do século XX. A palavra champô vem de uma expressão hindu que significa massajar e, de facto, os champôs devem ser aplicados com massagem. O desenvolvimento da indústria química ao longo do século XX deu um notável impulso à vulgarização dos champôs pois passou a ser possível produzir substâncias sintéticas mais baratas para o seu fabrico e, por conseguinte, colocar no mercado produtos a mais baixo preço. Estas substâncias desenvolveram-se justamente para a higiene capilar. Desde há muito que os produtos para a limpeza corporal eram também usados para a higiene dos cabelos. Durante o século XX, os constituintes dos champôs são específicos para a lavagem capilar e não para a higiene do corpo em geral. Além disso, foram concebidos diferentes champôs adequados a cada tipo de cabelo e esta linha de investigação e de indústria não abrandou até ao presente, tendo-se complexificado em função da estrutura capilar e outros fatores.

42 A higiene cosmética ou somente cosmética conheceu um impulso muito forte a partir da segunda metade do século XIX. Os avanços operados nos domínios da química, biologia, fisiologia, entre outros, fizeram com que os cosméticos não se limitassem à sua dimensão ornamental. Com efeito, a pintura das unhas, a depilação, o branqueamento da pele eram habitualmente práticas de menor sentido higienista. À luz dos avanços científicos era inevitável conceber produtos que não somente contribuíssem para a decoração do corpo, mas que também o protegessem.

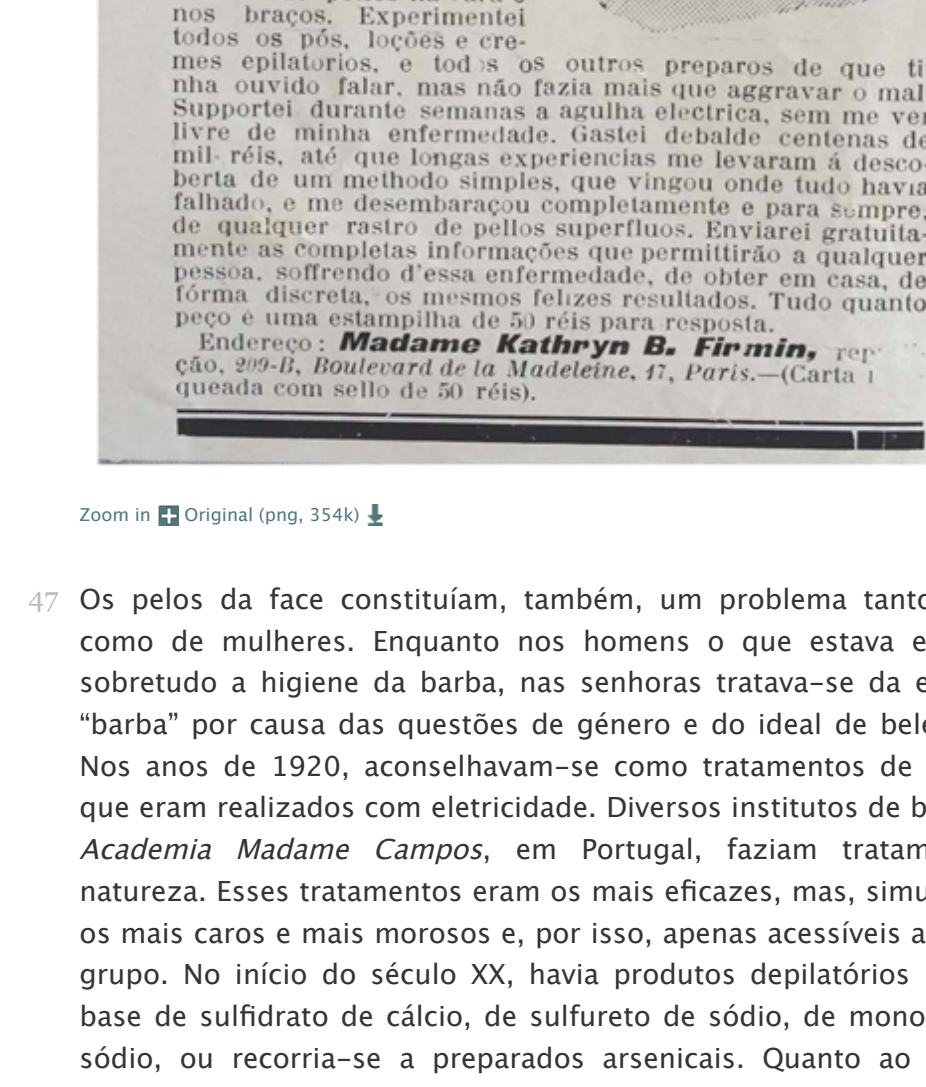
43 A industrialização da cosmética apresenta um certo paralelismo com a industrialização do medicamento. A produção industrial de cosméticos levou necessariamente a uma explosão publicitária de enorme impacto na opinião pública. Por isso, pode dizer-se que a cosmética é o ramo da higiene privada que conquistou o público feminino e masculino. A publicidade a cosméticos tem por objetivo a promoção do produto num horizonte cultural em que o belo, o saudável e o ético se refletem mutuamente, como num jogo de espelhos. A saúde do corpo, a saúde do indivíduo não se limita à ausência de doença. O ser saudável era exposto através do cuidado de si, da cultura da autoimagem como respeito por si e pelos outros. Por isso, facilmente se compreende que "manter a saúde do corpo e do espírito significava, desde logo, cumprir os rituais quotidianos de uma boa higiene tendo em vista o seu sentido preventivo"[30] e apresentar-se como exemplo de um autocuidado em função das indicações científico-médicas da época.

44 Não será demais sublinhar que o conceito de belo adquiriu esta articulação com o médico e com o científico na sequência das profundas alterações que se operaram na química e na microbiologia, mas também em outras áreas científicas como a histologia e a fisiologia, e ainda em áreas clínicas como a dermatologia. A produção de cosméticos e as indústrias produtoras são assumidamente indústrias de base científica, sendo de destacar as de origem alemã, americana, francesa, inglesa. A investigação em cosmética começa a desenvolver-se autonomamente e, por isso, não é de estranhar que as grandes indústrias cosméticas tenham valorizado produtos que traduziam uma nova mensagem sobre a beleza, justamente a beleza como sinónimo de saúde plena. A partir de 1850, sensivelmente, foram-se instalando diversas indústrias produtoras de cosméticos, algumas delas com afiliação em indústrias químicas ou entre indústrias farmacêuticas. É nesta efervescência de produção industrial que se começam a preparar, em larga escala, sabões, sabonetes e cremes para a barba, dentífricos em pasta, preparações capilares diversas, champôs, cremes hidratantes de base científica e muitos outros produtos.

45 Apesar desta matriz científica médica, os ideais de beleza não são estáticos. Pelo contrário, conheceram profundas mudanças nos últimos 150 anos. Assim, a cosmética, tanto a decorativa como a odorífera adaptou-se aos ideais de beleza vigentes. Por exemplo, o conceito de pele clara era central no paradigma de beleza feminina e perdurou de finais do século XIX até cerca de meados de novecentos. A pele clara era sinónimo de beleza, sobretudo no sexo feminino. Assim sendo, não admira a abundância de produtos branqueadores da pele, anti-sardas, anti pele bronzeada ou queimada pelo sol, tais como preparações à base de loureiro-rosa, álcool retificado, glicerina e água destilada. Para branquear a pele havia várias preparações como o naftol B com óxido de zinco e vaselina amarela. Os avanços operados nas ciências físico-químicas e biológicas incentivaram fortes investigações científicas neste campo. Por exemplo, as manchas da pele foram alvo de investigação médica-estética-cosmética.

46 Os cosméticos antirrugas foram e continuaram a ser produtos muito consumidos desde o século XIX. Os antirrugas estão declaradamente relacionados com o envelhecimento[31]. São produtos clássicos na cosmetologia, nem sempre coroados de êxito já que o envelhecimento da pele é inerente à nossa condição. Mas isso não impede que a investigação científica multidisciplinar não prossiga.

Figura 8 – Publicidade a depilatório, in Illustração Portugueza, 327, 1912



OS PELLOS SUPERFLUOS DESTRUIDOS
PARA SEMPRE
no espaço de 3 minutos

Enviarei gratuitamente a qualquer pessoa que m'o requisitar o segredo que me curou a mim mesma. As minhas amigas estão egualmente encantadas.

Desde a minha infancia encontrava-me afflicta e humilhada por um desgraçado crescer de pellos na cara e nos braços. Experimentei todos os pós, loções e cremes epilatorios, e todos os outros preparos de que tinha ouvido falar, mas não fazia mais que aggravar o mal. Supportei durante semanas a agulha electrica, sem me ver livre de minha enfermedade. Gastei debalde centenas de mil réis, até que longas experiencias me levaram á descoberta de um methodo simples, que vingou onde tudo havia falhado, e me desembaraçou completamente e para sempre, de qualquer rastro de pellos superfluos. Enviarei gratuitamente as completas informações que permittirão a qualquer pessoa, soffrendo d'essa enfermedade, de obter em casa, de fórma discreta, os mesmos felizes resultados. Tudo quanto peço é uma estampilha de 50 réis para resposta.

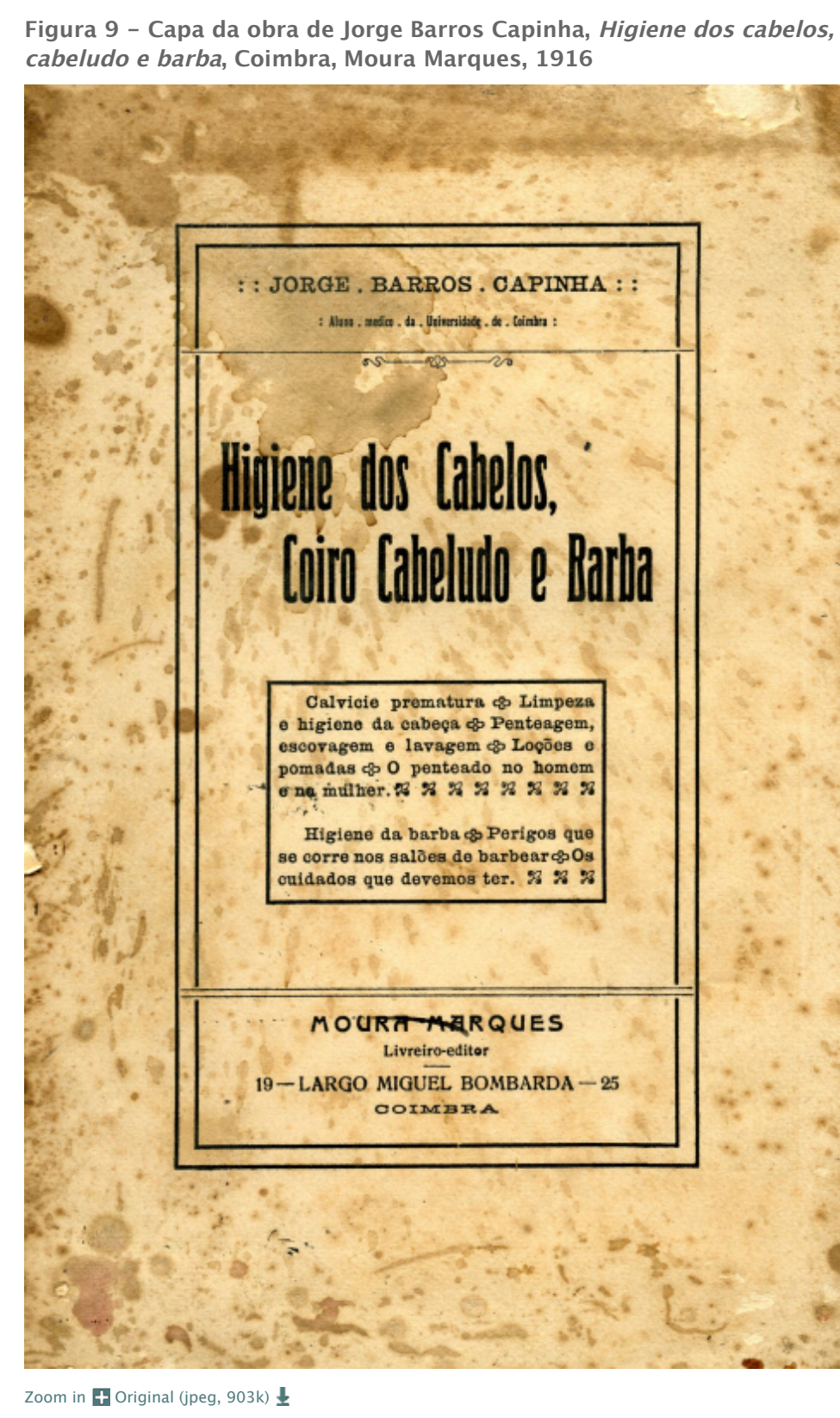
Endereço: **Madame Kathryn B. Firmin,** rep[illegible] ção, 209-B, *Boulevard de la Madeleine, 17, Paris.*—(Carta [illegible] queada com sello de 50 réis).

Zoom in Original (png, 354k)

47 Os pelos da face constituíam, também, um problema tanto de homens como de mulheres. Enquanto nos homens o que estava em causa era sobretudo a higiene da barba, nas senhoras tratava-se da eliminação da "barba" por causa das questões de género e do ideal de beleza feminina. Nos anos de 1920, aconselhavam-se como tratamentos de topo aqueles que eram realizados com eletricidade. Diversos institutos de beleza como a *Academia Madame Campos*, em Portugal, faziam tratamentos dessa natureza. Esses tratamentos eram os mais eficazes, mas, simultaneamente, os mais caros e mais morosos e, por isso, apenas acessíveis a um pequeno grupo. No início do século XX, havia produtos depilatórios preparados à base de sulfidrato de cálcio, de sulfureto de sódio, de monossulfureto de sódio, ou recorria-se a preparados arsenicais. Quanto ao homem, não estava em causa a eliminação dos pelos da face mas sim o seu corte. A tradicional navalha de barba foi substituída no início do século XX pela máquina de barbear, muito fácil de manusear, muito eficaz, muito higiénica com lâminas descartáveis. Até ao surgimento da máquina de barbear, o corte de barba eficaz era o que era feito nos barbeiros. A pressão do quotidiano exigia que os homens pudessem realizar um barbear de precisão mesmo em suas casas. Isso só seria possível se surgisse um utensílio de fácil manuseamento e eficaz no corte do pelo. Em 1900, King Gillette criou lâminas com eficácia nunca vista e o aparelho onde a lâmina era introduzida, para depois realizar o corte. Ao longo de todo o século XX, as lâminas e marcas de barbear foram sendo sucessivamente modificadas e melhoradas. O surgimento deste utensílio veio facilitar o ritual quotidiano de rapar os pelos da face, tornando-se uma inovação muito importante tanto do ponto de vista higiénico, como estético e social. Rapidamente, a descoberta de Gillette se difundiu e muitas outras empresas começaram também a fabricar utensílios e lâminas similares. Ao percorrermos diversas revistas portuguesas de atualidades da época, verificamos que as lâminas e estes utensílios se expandiram facilmente em Portugal.

48 Todavia, à época, a grande aposta da indústria cosmética centrava-se em produtos vários para o género feminino. Além do que foi dito, a produção de cosméticos para revigoramento do corpo constituiu sempre um setor muito importante e um nicho de mercado muito apetecível para a indústria cosmética, mas nem sempre os preços tornavam esta gama de cosméticos acessível à população. Para o tratamento do rosto recomendavam-se diversos cremes de beleza e pó de arroz. Além da função estética eram também de utilidade para a defesa da pele contra a ação nociva e irritante de adversidades naturais como o calor, o frio, o sol, o ar do mar e o ar das montanhas. A proteção da pele impunha-se por razões estéticas, médico-higiénico-cosméticas e por razões de condição social. Na verdade, até meados do século, a pele bronzeada pelo sol denunciava um baixo estatuto social e económico. Era característica de todos os que trabalhavam fora de casa sujeitos às intempéries como os trabalhadores nos campos, no mar, etc. É a partir dos anos 50 do século XX, isto é, no pós Segunda Guerra Mundial que se afirma um novo padrão de beleza, o de pele bronzeada. O corpo bronzeado como sinónimo de belo, sensual, sexualmente apelativo, socialmente valorizado e saudável também se articula com a libertação da mulher, no sentido da libertação do seu corpo das modas femininas de outros tempos[32] e de ideais de beleza do passado.

Figura 9 – Capa da obra de Jorge Barros Capinha, *Higiene dos cabelos, coiro cabeludo e barba*, Coimbra, Moura Marques, 1916



: : JORGE . BARROS . CAPINHA : :
: Aluno . medico . da . Universidade . de . Coimbra :

Higiene dos Cabelos,
Coiro Cabeludo e Barba

Calvicie prematura ✤ Limpeza e higiene da cabeça ✤ Penteagem, escovagem e lavagem ✤ Loções e pomadas ✤ O penteado no homem e na mulher.

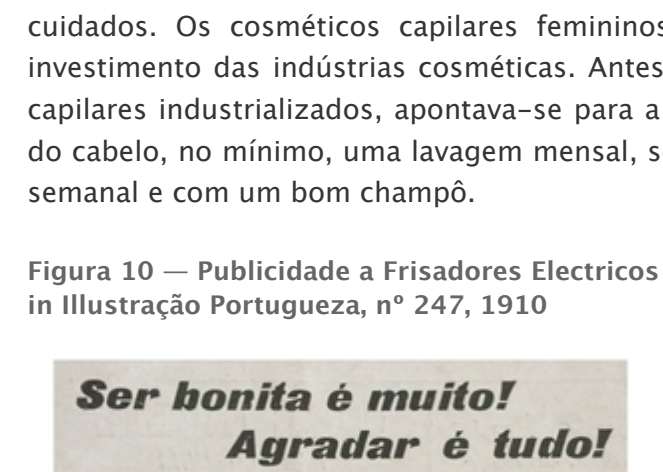
Higiene da barba ✤ Perigos que se corre nos salões de barbear ✤ Os cuidados que devemos ter.

MOURA MARQUES
Livreiro-editor
19—LARGO MIGUEL BOMBARDA—25
COIMBRA

Zoom in Original (jpeg, 903k)

49 A cosmética capilar constituiu, desde sempre, uma preocupação de homens e de mulheres. O cabelo é um dos primeiros elementos corporais de contacto visual. Na higiene e cosmética do cabelo há tópicos a reter: a lavagem, a coloração, o tipo de corte e a extensão do cabelo[33]. Em caso de queda acentuada e de ausência de cabelo, os cuidados eram diversos. No início do século XX, a queda do cabelo relacionava-se com diversos fatores como o excesso de trabalho intelectual, a vida sedentária, o *stress*, abuso de bebidas alcoólicas e consumo exagerado de carnes. O cabelo feminino sempre foi alvo de muitas recomendações e de muitas propostas de cuidados. Os cosméticos capilares femininos foram uma área de forte investimento das indústrias cosméticas. Antes do advento dos cosméticos capilares industrializados, apontava-se para a conservação e apresentação do cabelo, no mínimo, uma lavagem mensal, sendo o ideal uma mensagem semanal e com um bom champô.

Figura 10 — Publicidade a Frisadores Electricos West e a Sabonete Verbena, in Illustração Portugueza, nº 247, 1910



Ser bonita é muito!
Agradar é tudo!

Os ***Frisadores Electricos de West*** transformam por completo o rosto da mulher! Uma cabeça bem frisada chama a attenção aos maiores indifferentes! Os ***Frisadores Electricos de West*** são indispensaveis em todo o toilette, pois que em poucos minutos frisa ou ondeia a cabelleira mais opulenta, não queimando nem damnificando o cabello! Vivifica e auxilia a raiz pois está impregnado d'electricidade que evita a queda do cabello.

Preço: 5 frisadores 600 rs. Correio 650 réis.

Sabonete Verbena Este sabão, dulcifica a pelle tornando o rosto limpido e macio. Preço 500 réis. Correio 550 réis.

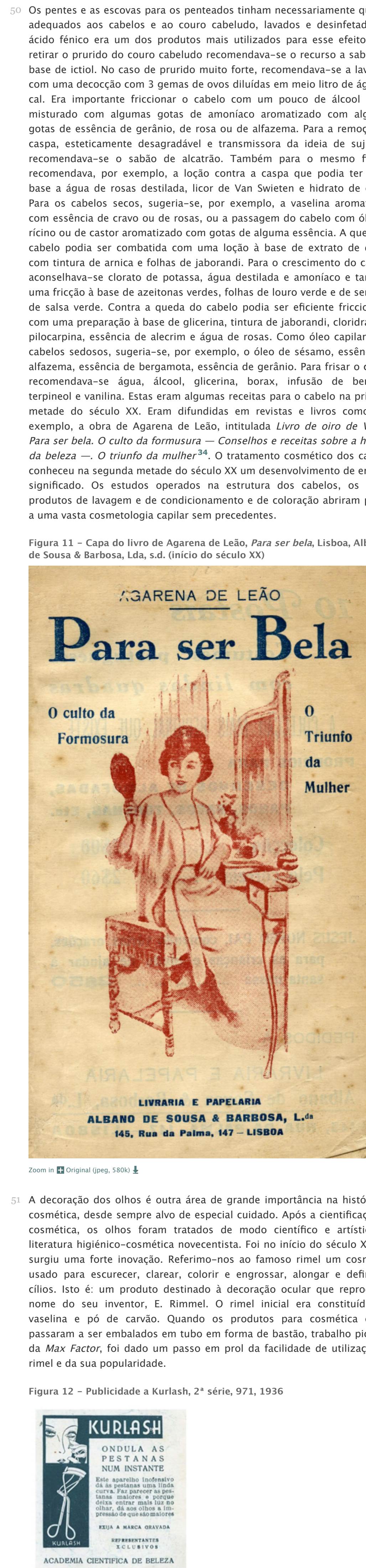
Pastilhas Quentin Perfumam deliciosamente a bocca, evitando a deslocação dos dentes. Preço 400 rs. Correio 450 rs.

A' venda na
PERFUMARIA BALSEMÃO
Rua dos Retrozeiros, 141 Telephone 2777
Deposito geral: Rua Conceição, 46, 2.º-Esq.º

Zoom in Original (png, 116k)

50 Os pentes e as escovas para os penteados tinham necessariamente que ser adequados aos cabelos e ao couro cabeludo, lavados e desinfetados. O ácido fénico era um dos produtos mais utilizados para esse efeito. Para retirar o prurido do couro cabeludo recomendava-se o recurso a sabões, à base de ictiol. No caso de prurido muito forte, recomendava-se a lavagem com uma decocção com 3 gemas de ovos diluídas em meio litro de água de cal. Era importante friccionar o cabelo com um pouco de álcool a 45° misturado com algumas gotas de amoníaco aromatizado com algumas gotas de essência de gerânio, de rosa ou de alfazema. Para a remoção da caspa, esteticamente desagradável e transmissora da ideia de sujidade, recomendava-se o sabão de alcatrão. Também para o mesmo fim se recomendava, por exemplo, a loção contra a caspa que podia ter como base a água de rosas destilada, licor de Van Swieten e hidrato de cloral. Para os cabelos secos, sugeria-se, por exemplo, a vaselina aromatizada com essência de cravo ou de rosas, ou a passagem do cabelo com óleo de rícino ou de castor aromatizado com gotas de alguma essência. A queda do cabelo podia ser combatida com uma loção à base de extrato de quina, com tintura de arnica e folhas de jaborandi. Para o crescimento do cabelo, aconselhava-se clorato de potassa, água destilada e amoníaco e também uma fricção à base de azeitonas verdes, folhas de louro verde e de semente de salsa verde. Contra a queda do cabelo podia ser eficiente friccioná-lo com uma preparação à base de glicerina, tintura de jaborandi, cloridrato de pilocarpina, essência de alecrim e água de rosas. Como óleo capilar, para cabelos sedosos, sugeria-se, por exemplo, o óleo de sésamo, essência de alfazema, essência de bergamota, essência de gerânio. Para frisar o cabelo recomendava-se água, álcool, glicerina, borax, infusão de benjoim, terpineol e vanilina. Estas eram algumas receitas para o cabelo na primeira metade do século XX. Eram difundidas em revistas e livros como, por exemplo, a obra de Agarena de Leão, intitulada *Livro de oiro de Vénus. Para ser bela. O culto da formusura — Conselhos e receitas sobre a higiene da beleza —. O triunfo da mulher*[34]. O tratamento cosmético dos cabelos conheceu na segunda metade do século XX um desenvolvimento de enorme significado. Os estudos operados na estrutura dos cabelos, os novos produtos de lavagem e de condicionamento e de coloração abriram portas a uma vasta cosmetologia capilar sem precedentes.

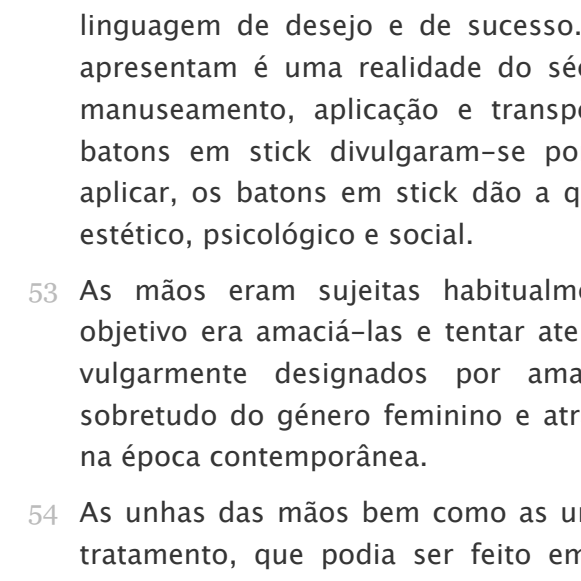
Figura 11 – Capa do livro de Agarena de Leão, *Para ser bela*, Lisboa, Albano de Sousa & Barbosa, Lda, s.d. (início do século XX)



Zoom in Original (jpeg, 580k)

51 A decoração dos olhos é outra área de grande importância na história da cosmética, desde sempre alvo de especial cuidado. Após a cientificação da cosmética, os olhos foram tratados de modo científico e artístico na literatura higiénico-cosmética novecentista. Foi no início do século XX que surgiu uma forte inovação. Referimo-nos ao famoso rimel um cosmético usado para escurecer, clarear, colorir e engrossar, alongar e definir os cílios. Isto é: um produto destinado à decoração ocular que reproduz o nome do seu inventor, E. Rimmel. O rimel inicial era constituído por vaselina e pó de carvão. Quando os produtos para cosmética ocular passaram a ser embalados em tubo em forma de bastão, trabalho pioneiro da *Max Factor*, foi dado um passo em prol da facilidade de utilização do rimel e da sua popularidade.

Figura 12 – Publicidade a Kurlash, 2ª série, 971, 1936



KURLASH
ONDULA AS PESTANAS NUM INSTANTE

Este aparelho inofensivo dá às pestanas uma linda curva. Faz parecer as pestanas maiores e porque deixa entrar mais luz no olhar, dá aos olhos a impressão de que são maiores

EXIJA A MARCA GRAVADA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35

Zoom in Original (png, 98k)

52 O batom também tem uma história longa. Os lábios bem tratados revelam frescura, saúde e beleza. Dependendo da tonalidade também transmitem mais ou menos sensualidade. Desde meados do século XIX que o uso do batom se intensificou, sobretudo, em meio urbano. O seu objetivo é realçar a boca através de colorações diversas, umas mais discretas e outras mais exuberantes. O tipo e as cores do batom estiveram associados à condição social da mulher e às situações do quotidiano. O batom marca fortemente a autoimagem feminina e a sua autoconfiança. Funciona como uma linguagem de desejo e de sucesso. Os batons com o formato que hoje apresentam é uma realidade do século XX e tem grandes vantagens de manuseamento, aplicação e transporte. Nos anos 30 do século XX os batons em stick divulgaram-se por todo o mundo. Práticos, fáceis de aplicar, os batons em stick dão a quem os usa um interessante conforto estético, psicológico e social.

53 As mãos eram sujeitas habitualmente a tratamentos com cremes. O objetivo era amaciá-las e tentar atenuar as rugas. Os cremes emolientes, vulgarmente designados por amaciadores são um aliado constante sobretudo do género feminino e atravessam toda a história das mulheres na época contemporânea.

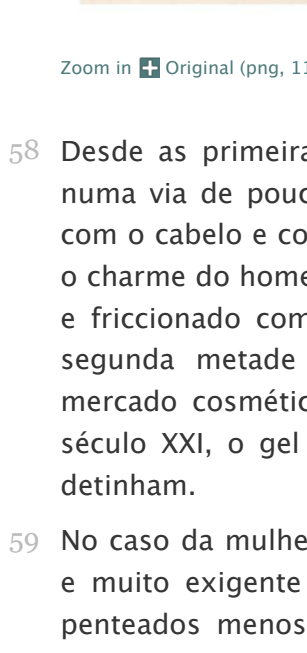
54 As unhas das mãos bem como as unhas dos pés também eram sujeitas a tratamento, que podia ser feito em casa ou, então, numa *manicure*. O termo, de origem francesa, mostra a influência da cultura cosmética francesa em Portugal. O tratamento das unhas tinha por objetivo decorá-las e protegê-las e conservar ou recuperar a sua higidez. As cutículas tinham que ser removidas, o que era feito com um instrumento apropriado, mecanicamente, ou, então, quimicamente. Foi na primeira metade do século XIX que surgiu o primeiro instrumento específico para o tratamento das unhas. No final do século XIX surgiram os primeiros gabinetes de *manicure*. No início do século XX, usavam-se tesouras e limas metálicas para dar forma às unhas e para o seu polimento eram usados cremes, pós e substâncias corantes. Os primeiros vernizes das unhas terão surgido nos anos 20 do século XX. Os norte-americanos irmãos Revlon, nos anos 30, juntamente com um químico especializado, conceberam um esmalte brilhante e colorido para ser aplicado nas unhas. A sua facilidade de aplicação proporcionou a sua rápida expansão e consumo pelo género feminino, especialmente as burguesias urbanas.

55 O odor corporal constituiu uma enorme preocupação por parte dos cosmetologistas. As inovações no campo da fisiologia ao longo do século XIX e as descobertas bacteriológicas de finais do século XIX contribuíram de modo consistente para entender melhor o fenómeno da transpiração, explicar os odores corporais como resultantes da degradação de bactérias que proliferam no suor. O odor é mais acentuado nas zonas axilares e ano-genitais. O primeiro desodorizante químico surgiu no século XX nos Estados Unidos. Foi um produto à base de sulfato de potássio e de sulfato de alumínio. Depois da Segunda Guerra Mundial reuniram-se condições para se investir no processo científico, industrial e comercial da produção dos desodorizantes e anti-transpirantes a preços mais acessíveis.

56 A industrialização dos cosméticos, à semelhança da industrialização dos medicamentos desencadeou o fenómeno publicitário que rapidamente invadiu a imprensa e outros espaços. À semelhança de muitos textos de divulgação de cosméticos, também os textos publicitários afirmavam o valor higiénico-estético, científico e socio-cultural dos mesmos[35].

57 Na revista *Illustração Portugueza*, periódico de larga divulgação em Portugal, encontram-se anúncios de diversa natureza que refletem muitos dos aspetos da higiene privada do período histórico correspondente à publicação da revista. São publicitados produtos como *Loção Dequéant*, o *Parfum Pompeia*, as máquinas de barbear *Gillette*, as máquinas de barbear *Shrp/Shavr*, o perfume *Stilli-Flore*, o *Creme Rosa d'Ouro*, o *Cold-Cream Albert Simon*, o *Creme Simon*, o *Creme Beleza*, a *Perfumaria Rosa d'Ouro*, a *Juvenia*, o *Pó de Talco Colgate* e o *Parfum Floramye*. Eram produtos destinados à higiene cosmética tanto masculina como feminina e o seu anúncio não dispensava a legitimação científica, médica, estética e axiológico-cultural.

Figura 13 — Publicidade ao Creme Simon, Illustração Portugueza, 2ª série, 477, 1915


CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE
J. SIMON, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMARIAS
Desconfiar das imitações.

Zoom in Original (png, 112k)

58 Desde as primeiras décadas do século XX, o chapéu entra gradualmente numa via de pouco uso o que é coincidente com o reforço dos cuidados com o cabelo e com o couro cabeludo. Depois da Segunda Guerra Mundial, o charme do homem passava por um cabelo saudável, bem penteado, curto e friccionado com produtos que lhe conferiam brilho. Logo no início da segunda metade do século XX, a brilhantina conseguiu conquistar o mercado cosmético tendo como aliada a arte publicitária. Mais perto do século XXI, o gel capilar passou a assumir o lugar que outros fixadores detinham.

59 No caso da mulher burguesa, o cabelo comprido, apanhado artisticamente e muito exigente ao nível dos cuidados de higiene vai cedendo lugar a penteados menos sofisticados com os cabelo mais curto. Trata-se de uma tendência à época sendo um tema a aprofundar considerando vários fatores, o rural e o urbano, mulheres trabalhadoras, mulheres burguesas, etc. Nos anos vinte, algumas mulheres portuguesas usavam o famoso *cabelo à Joãozinho*, influenciadas pela moda estrangeira[36]. Este cabelo, curto, típico da *Belle Époque*, era um modo de afirmação existencial de um género feminino burguês inspirado, criativo, informado e com capacidade para romper com ideais de feminilidade vigentes.

60 Após a Segunda Guerra Mundial, a tendência para os cabelos curtos acentuou-se, o que se compreende por razões de higiene e de adaptação a novas realidades profissionais. Cabelos curtos e arranjados rapidamente fizeram moda nos dois sexos e tornaram-se sinónimo de beleza e de atração sexual. A cultura médico-higiénica e estética ajustavam-se à necessidade de ganhar tempo na economia dos cuidados higiénicos e cosméticos. Ganhar tempo tornou-se imperativo numa época em que ambos os géneros, masculino e feminino, se encontram já em competição no mercado laboral.

61 A publicidade espelhava esta nova época e funcionou também como uma pedagogia da arte de viver com saúde, beleza e espírito positivo. O cabelo curto, limpo, tratado, resplandecente de saúde significava um ganho em todos os níveis da ontologia do feminino ainda que os cabelos longos, compridos, permaneçam no inconsciente coletivo e no imaginário social como a materialidade do corpo feminino mais próxima das mitologias transhistóricas.

62 Há uma enorme variedade de anúncios relacionados com a higiene privada. Desde logo, os produtos destinados aos cuidados com a barba dos homens. Até ao século XX, as barbas e os bigodes eram fundamentais na imagem masculina de acordo com o padrão de beleza. O barbear era uma operação morosa e delicada que, muitas vezes, necessitava de um operador especializado, o barbeiro. Mas, a partir do momento em que Gillette introduziu um utensílio para o corte da barba, este estado de coisas alterou-se significativamente. O barbear passou a ser uma operação de higiene bastante simples e era essa facilidade que transparecia na publicidade.

63 Outros anúncios publicados em *A Illustração Portugueza* dizem respeito a marcas de perfumes, sendo o anúncio ao perfume *Stilli-Flore*, proveniente da *Perfumaria Oriza*, ilustrado com uma dama da alta sociedade, envolta em floreados artisticamente desenhados. O anúncio sugere o poder de um perfume tão eficaz que bastava uma gota para se ficar perfumada e sedutora. Os restantes anúncios a perfumes *Parfum Floramye*, *Parfum Pompeia* ou a perfumarias, *Perfumaria Rosa d'Ouro*, publicados em *A Illustração Portugueza* "transmitem imagens de graciosidade ideal, de beleza sensitiva e de animação quase espiritual do corpo, recorrendo muitas vezes ao mundo maravilhoso das flores e da natureza"[37].

64 Em regra, os O anúncios a cremes sublinham os seus efeitos regeneradores na face feminina. É o caso do *Creme Rosa d'Ouro* preparado para a perfumaria Rosa d'Ouro, de Lisboa. Tratava-se de um creme preparado especialmente para pessoas cuja pele fosse muito delicada, tinha funções branqueadoras e conferia à pele flexibilidade, protegendo-a contra os excessos de frio ou de calor. O *Creme Simon* é também muito anunciado nas páginas de *A Illustração Portugueza*. Era um creme protetor, publicitado habitualmente sob a forma de um anjo que protege a pele. A arte publicitária sublinha a credibilidade científica dos produtos, mas ainda apela ao universo cultural religioso enraizado no Ocidente, como se ciência e religião tivessem à época uma relação de harmonia plena. Idênticos efeitos medico-higiénico-preventivos e estéticos quase salvíficos eram publicitados pelo milagroso *Sabonete Medicinal Sousa Martins* que tinha por funções curar, branquear, amaciar e rejuvenescer a pele.

65 Ciência, religião, guerra, política, todos os horizontes e contextos históricos eram capitalizados para se alcançar a conquista de consumidores. Por exemplo, ao serviço de uma causa política, encontramos os *Sabonetes Republicanos*, publicitados em 1910 e que transmitiam uma forte e enorme ambição. Limpava tanto o corpo como a alma, uma vez que

[30] Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal...", p. (...)

[31] Sobre os cosméticos e o envelhecimento ver, por exemplo, Caroline Searing e Hannah Zeilig, "Fine Li (...)

[32] Sobre o papel dos cosméticos na atração sexual e na sensualidade vejam-se, entre vários, Jean Ann G (...)

[33] Ver, por exemplo, Jorge Barros Capinha, *Higiene dos cabelos, coiro cabeludo e barba*, Coimbra: Moura (...)

[34] Agarena de Leão, *Livro de oiro de Vénus. Para ser bela. O culto da formusura — Conselhos e receitas* (...)

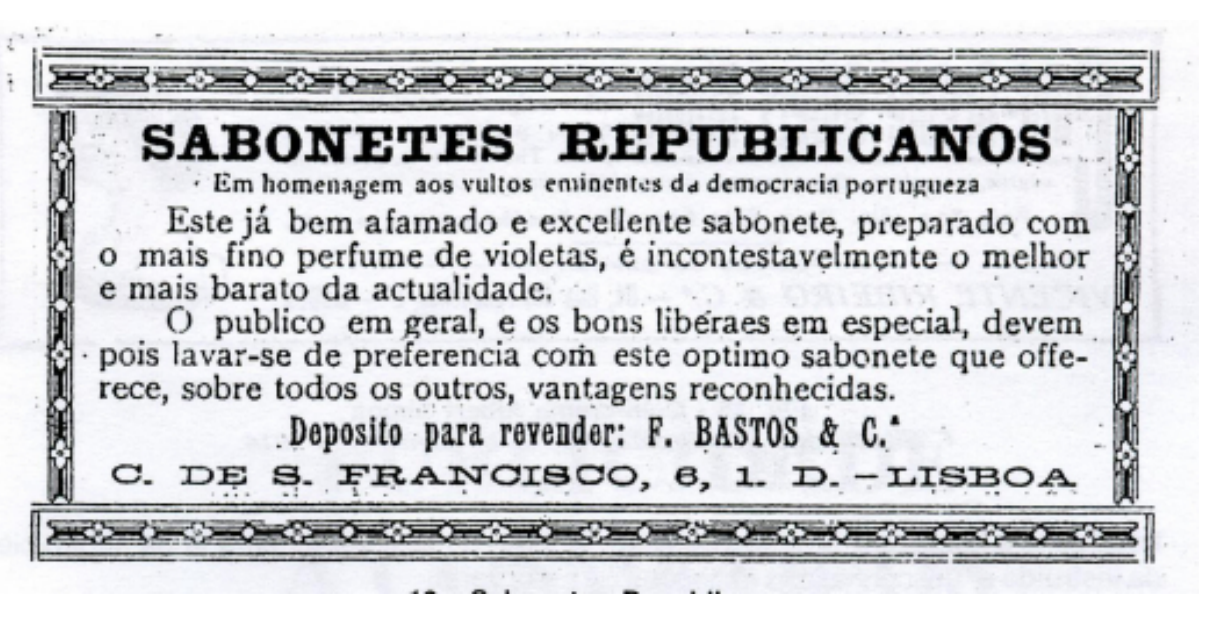
[35] Sobre os primórdios da publicidade a cosméticos ver, entre outros, Claudine Chevrel e Béatrice Corn (...)

[36] Cf. Gabriela Mota Marques, *Cabelos à Joãozinho: a garçonne em Portugal nos anos 20*, Lisboa: Livros (...)

[37] Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal...", p. (...)

forte e enorme ambição. Limpava tanto o corpo como a alma, uma vez que a saúde e a beleza eram garantidas por um novo anjo protetor, a República, fundada na voz da ciência, sobretudo, das ciências da saúde, da antropologia e da história científicas.

Figura 14 – Publicidade aos "Sabonetes Republicanos", in Almanach de A Lucta, 1911



SABONETES REPUBLICANOS

· Em homenagem aos vultos eminentes da democracia portugueza ·

Este já bem afamado e excellente sabonete, preparado com o mais fino perfume de violetas, é incontestavelmente o melhor e mais barato da actualidade.

O publico em geral, e os bons liberaes em especial, devem pois lavar-se de preferencia com este optimo sabonete que offerece, sobre todos os outros, vantagens reconhecidas.

Deposito para revender: F. BASTOS & C.ª

C. DE S. FRANCISCO, 6, 1. D.–LISBOA

Zoom in Original (jpeg, 266k)

Após a Primeira Guerra Mundial, com o advento da industrialização dos cosméticos, tal como aconteceu com os medicamentos, verificou-se um aprofundamento estético dos anúncios. Houve por parte de várias empresas o recurso a bons artistas plásticos para a conceção da publicidade. Ao mesmo tempo, dedica-se particular atenção às embalagens de acondicionamento dos produtos. Gradualmente, passa a assumir uma complexidade que apenas poderá ser concebida por profissionais. Todo o enquadramento do produto devia espelhar a qualidade do mesmo, a sua singularidade e dignidade e despertar o desejo irresistível da sua aquisição.

66 Mais tarde, já na segunda metade do século XX, a publicidade a cosméticos tornou-se uma obra de arte com recurso à arte fotográfica. A concorrência entre as indústrias e a articulação entre a indústria e as exigências do público contribuíram para o progresso de muitas áreas de aplicação das ciências laboratoriais à cosmética. Esta dialética não parou e continua na atualidade, havendo cada vez mais subespecialidades nestes domínios.

67 À luz do exposto, pode afirmar-se que, desde meados do século XX, o ideal de belo, saudável e bom apresenta uma componente científica e técnica muito forte e permanece alicerçado na cultura de prevenção higienista, continuamente alimentada pela investigação química, biomédica, farmacológica e outras áreas científicas.

BIBLIOGRAPHY

Fontes impressas

Academia Científica de Beleza Madame Campos, 1912–1982, Lisboa: Academia Científica de Beleza M.me Campos, 1982.

BOMBARDA, Miguel, "A hygiene das escolas e a hygiene dos governos", *A Medicina Contemporanea*, n.º 16, Lisboa, 1891, pp. 121–123.

BRAY, Mrs, *Physiologia e Hygiene expostas em lições faceis para uso das escolas*, Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1891.

CAPINHA, Jorge Barros, *Higiene dos cabelos, coiro cabeludo e barba*, Coimbra: Moura Marques, 1916.

DEJUST, L. H., *Réportoire d'hygiene et de médecine sociales*, Paris: Union des syndicats médicaux de France, 1923.

Diccionario de hygiene e medicina al alcance de todos, Lisboa: João Romano Torres & Cia - Editores, 1908.

FISCHER-DÜCKELMANN, Anna, *A mulher medica de sua casa. Livro de hygiene e medicina familiar*, Lisboa: Antiga Casa Bertrand – Livraria Editora, 1907.

GALVÃO, Januário Peres Furtado, *Curso Elementar d' Hygiene*, Porto: Typographia Commercial, 1845.

Hygiene, 2.ª ed., Lisboa: David Corazzi Editor, 1882.

JORGE, Ricardo, *Hygiene social applicada á Nação Portugueza. Conferencias feitas no Porto*, Porto: Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos-Editor, 1885.

LEÃO, Agarena de, *Livro de oiro de Vénus. Para ser bela. O culto da formusura. Conselhos e receitas sobre a higiene da beleza. O triunfo da mulher*, Lisboa: Livraria e Papelaria Albano de Sousa & Barbosa, Lda, s.d.

"Regulamento Geral dos Serviços de Saúde e Beneficência Pública de 24 de dezembro de 1901", *Boletim dos Serviços Sanitarios do Reino*, n.º 1, Lisboa, 1902, pp. 3–126.

VIEIRA, A.X. Lopes, *Hygiene das familias*, Lisboa: Livraria de António Maria Pereira Editor, 1896.

Bibliografia

ALVES, Jorge Fernandes, Rita C. Alves, "Ferreira da Silva e o Laboratório Químico Municipal do Porto (1884–1917)", *Estudos do Século XX*, n.º 12, Coimbra, 2012, pp. 13–30.

ALVES, Jorge Fernandes, Rita C. Alves, *A. J. Ferreira da Silva – Nos Caminhos da Química*, Porto: UPorto Editorial, 2013.

ALVIM, Maria Helena Vilas-Boas e, *Do tempo e da moda: a moda e a beleza feminina através das páginas de um jornal*: Modas & Bordados – suplemento de O Século 1912–1926, Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

ARIÈS, Philippe, Georges Duby, *História da vida privada*, vol. 4, s.l.: Círculo de Leitores, 1990.

CARVALHO, J. M. Teixeira de Carvalho, "Exposição de hygiene urbana em Paris (notas de viagem)", *Coimbra Médica*, n.º 15, Coimbra, 1886, pp. 228–232; 6 (16)1886, pp. 249–253; 6 (17)1886, pp. 264–267; 6 (18) 1886, pp. 283–286; 6 (19) 1886, pp. 297–301; 6 (20)1886, pp. 313–316; 6 (21) 1886, pp. 327–331; 6 (22) 1886, pp. 344–347; 7 (2) 1887, pp. 26–27; 7 (3) 1887, pp. 38–43.

CHEVREL, Claudine, Béatrice Cornet, *Grain de bauté: un siècle de beauté para la publicite*, Paris: Somogy Éditions d'Art,1993.

CID, José, *Coimbra. Demographia e hygiene*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1902.

CORIVEAUD, A., *A saúde dos nossos filhos. Hygiene da primeira infância*, Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, s.d.

CORREIA, Fernando da Silva, *Portugal Sanitário*, Coimbra: Dissertação de doutoramento, 1937.

ELLIOT, T. J., "Cosmetics – functional and aesthetic?", *International Journal of Cosmetic Science*, n.º 5,1984, pp. 231–239.

FERREIRA, F. A. Gonçalves, *História da saúde e dos serviços de saúde em Portugal*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

GALTIER-BOISSIÈRE, *Hygiène nouvelle*, 2.ª ed., Paris: Librairie Larousse, s.d.

GRAHAM, Jean Ann, A. J. Jouhar, "Cosmetics considered in the context of physical attractiveness: a review", *International Journal of Cosmetic Science*, n.º 2, 1980, pp. 77–101.

GRAHAM, Jean Ann, A. J. Jouhar, "The effects of cosmetics on person perception", *International Journal of Cosmetic Science*, 3(5)1981, pp. 199–210.

JAIN, S. K., N. K., "History of cosmetics", *Asian Journal of Pharmaceuticals*, n.º 3, Mandsaur, 2009, pp. 164–167.

MARQUES, Gabriela Mota, *Cabelos à Joãozinho: a garçonne em Portugal nos anos 20*, Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

MATTOSO, José Mattoso (dir.), *História da vida privada em Portugal*, vol. 4. *A época contemporânea* (coord. Irene Vaquinhas), Lisboa: Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2011.

MIRA, Ferreira de, *História da medicina portuguesa*, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1947.

PEREIRA, Ana Leonor, João Rui Pita (Coord.) *Saberes e práticas em torno do adoecer da alma e do corpo*, Coimbra: GHSCT–CEIS20, 2013.

PEREIRA, Ana Leonor, João Rui Pita, "A ciência higiénica em Portugal no século XIX. Alguns traços no meio coimbrão", *Munda*, n.º 37, Coimbra, 1999, pp. 77–84.

PEREIRA, Ana Leonor, João Rui Pita, "A 'nave' dos micróbios na Universidade de Coimbra" in *Património Cultural em Análise (Actas do Encontro Nacional)*, Coimbra: Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, G.A.A.C., 1998, pp. 113–127

PEREIRA, Ana Leonor, João Rui Pita, "Au Portugal aussi... l'étrange objet en forme de guitare. À propos de l'article 'L'hygiène intime: le bidet", *Revue d'Histoire de la Pharmacie*, n.º 321, Paris, 1999, pp. 121–122.

PEREIRA, Ana Leonor, João Rui Pita, "Charles Lepierre au Portugal (1867–1945). Son influence décisive sur la santé publique, sur la chimie et sur la microbiologie", *Revue d'Histoire de la Pharmacie*, n.º 328, Paris, 2000, pp. 463–470.

PEREIRA, Ana Leonor, João Rui Pita, "Publicidade a cosméticos (Séculos XIX–XX)", *Munda*, n.º 35, Coimbra, 1998, pp. 29–40.

PEREIRA, Ana Leonor, João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal", in José Mattoso (dir.), *História da vida privada em Portugal*, vol. 4 – *A época contemporânea* (coord. Irene Vaquinhas), Lisboa: Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2011, pp. 92–116.

PEREIRA, Ana Leonor, João Rui Pita, "Chemistry applied to medicine and public health: the work carried out by Charles Lepierre (1867–1945) in Portugal", in Isabel Malaquias, Ernst Homburg e M. Elvira Callapez (coord.), *5th International Conference on History of Chemistry - Chemistry, Technology and Society - Proceedings*, Lisboa: SPQ-Sociedade Portuguesa de Química, 2006, pp. 664–671.

PEREIRA, Ana Leonor, João Rui Pita, "La publicité pharmaceutique, médicale et cosmétique dans la revue *A Illustração* ", *Revue d'Histoire de la Pharmacie*, n.º 309, Paris, 1996, pp. 159–168.

PEREIRA, Ana Leonor, João Rui Pita, "Liturgia higienista no século XIX: pistas para um estudo", *Revista de História das Ideias*, n.º 15, Coimbra, 1993, pp. 437–559

PEREIRA, Ana Leonor, João Rui Pita, "Pasteur in Portugal: public health and the diffusion of hygiene", in Philip Rieder, Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, *História ecológico-institucional do corpo*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006, pp. 21–28.

PEREIRA, Ana Leonor, João Rui Pita, Maria de Lourdes Rebelo e Victoria Bell, *O universo luminoso dos cosméticos. Catálogo de exposição*. Coimbra: Sociedade de História Interdisciplinar da Saúde, 2017.

PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui — "Liturgia higienista no século XIX — pistas para um estudo", *Revista de História das Ideias*, n.º 15, Coimbra, 1993, pp. 437–559.

PINSET, Jacques, Yvonne Deslandres, *Histoire des soins de beauté*, Paris: Presses Universitaires de France, 1960.

PITA, João Rui, "Breve história dos cosméticos", *Munda*, n.º 32, Coimbra, 1996, pp. 17–28.

PITA, João Rui, "Práticas científicas à volta de 1900: química, microbiologia e saúde pública em Portugal", in Ana Leonor Pereira; Heloísa B. Domingues; João Rui Pita; Oswaldo Salawerry, *A natureza as suas histórias e os seus caminhos*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006, pp. 39–51.

PITA, João Rui, Maria de Lourdes Rebelo, "Cosméticos: sua evolução", *Medicamento, História e Sociedade*, n.º 8, Lisboa, 1988, pp. 1–6.

RIEDER, Philip, Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, *História ecológico-institucional do corpo*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006.

SCLIAR, Moacyr, "História do conceito de saúde", *Physis. Revista de Saúde Coletiva*, n.º 1, Rio de Janeiro, 2007, pp. 29–41.

SEARING, Caroline, Hannah Zeilig, "*Fine Lines*: cosmetic advertising and the perception of ageing female beauty", *International Journal of Ageing and Later Life*, n.º 1, 2017, pp. 7–36.

VAQUINHAS, Irene (coord.), *Entre garçonnes e fadas do lar. Estudos sobre as mulheres na sociedade portuguesa do século XX*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2004.

VIGARELLO, Georges, *Le propre et le sale: L'higiène du corps depuis de Moyen Âge*, Paris: Editions du Seuil, 1985.

WALL, Florence E., "Historical Development of Cosmetics Industry", in M.S. Balsam e Edward Sagarin (coord.), *Cosmetics Science and Technology*, 2.ª ed, vol. 3, New York, John Wiley & Sons, 1974, pp. 37–161.

NOTES

1. A pesquisa sobre a temática da higiene pública e da higiene privada, bem como a história das práticas de higiene privada e dos cosméticos tem sido realizada nos últimos anos pelos autores do presente estudo no âmbito das pesquisas realizadas no Grupo de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra. Dessa pesquisa resultaram diferentes publicações sendo algumas delas base e ponto de partida para esta publicação, em particular o estudo Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal", José Mattoso (Dir.), *História da vida privada em Portugal*. Vol. *A época contemporânea* (Coord. Irene Vaquinhas), Lisboa: Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2011, pp. 92–116. Os outros estudos são: Maria de Lourdes Rebelo e João Rui Pita, "Cosméticos: sua evolução", *Medicamento, História e Sociedade*, n.º 8, Lisboa,1988, pp. 1–6; João Rui Pita, "Breve história dos cosméticos", *Munda*, n.º 32, Coimbra, 1996, pp. 17–28; Ana Leonor; João Rui Pita, "Publicidade a cosméticos (Séculos XIX–XX)", *Munda*, n.º 35, Coimbra, 1998, pp. 29–40; Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, "A ciência higiénica em Portugal no século XIX. Alguns traços no meio coimbrão", *Munda*, n.º 37, Coimbra, 1999, pp. 77–84; Philip Rieder, Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, *História ecológico-institucional do corpo*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006; Ana Leonor; João Rui Pita (Coord.) *Saberes e práticas em torno do adoecer da alma e do corpo*, Coimbra: GHSCT–CEIS20, 2013; Ana Leonor Pereira, João Rui Pita, Maria de Lourdes Rebelo e Victoria Bell, *O universo luminoso dos cosméticos. Catálogo de exposição*. Coimbra: Sociedade de História Interdisciplinar da Saúde, 2017.

2. Veja-se, por exemplo, A. Coriveaud, *A saúde dos nossos filhos. Hygiene da primeira infância*, Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, s.d.

3. Assinale-se sobre a história da vida privada, além da obra atrás referida *História da vida privada em Portugal* (Dir. de José Mattoso) a obra Philippe Ariès e Georges Duby, *História da vida privada*, vol. 4, s.l.: Círculo de Leitores, 1990.

4. Fernando da Silva Correia, *Portugal sanitário*, Coimbra: Dissertação de doutoramento, 1937.

5. Ver: Mrs Bray, *Physiologia e Hygiene expostas em lições faceis para uso das escolas*, Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1891. Deste livro fizeram-se 4500 exemplares que foram distribuídos pelas escolas.

6. Veja-se, por exemplo, J. M. Teixeira de Carvalho, "Exposição de hygiene urbana em Paris (notas de viagem)", *Coimbra Médica*, n.º 15, Coimbra, 1886, pp. 228–232; 6 (16) 1886, pp. 249–253; 6 (17) 1886, pp. 264–267; 6 (18) 1886, pp. 283–286; 6 (19) 1886, pp. 297–301; 6 (20) 1886, pp. 313–316; 6 (21) 1886, pp. 327–331; 6 (22) 1886, pp. 344–347; 7 (2) 1887, pp. 26–27; 7 (3) 1887, pp. 38–43; Miguel Bombarda, "A hygiene das escolas e a hygiene dos governos" , *A Medicina Contemporanea*, n.º 16, Lisboa, 1891, pp.121–123.

7. Cf. João Rui Pita, "Práticas científicas à volta de 1900: química, microbiologia e saúde pública em Portugal", in Ana Leonor Pereira; Heloísa B. Domingues; João Rui Pita; Oswaldo Salawerry, *A natureza as suas histórias e os seus caminhos*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006, pp. 39–51.

8. Januário Peres Furtado Galvão, *Curso elementar d'Hygiene*, Porto: Typographia Commercial, 1845, p. III.

9. Em Portugal, tal como em países estrangeiros, a temática da higiene, tanto pública como privada, foi muito versada em trabalhos académicos, na literatura científica e ainda em literatura divulgativa. Vejam-se, apenas como exemplos: *Hygiene*, 2.ª ed., (Biblioteca do Povo e das Escolas), Lisboa: David Corazzi Editor, 1882; A. X. Lopes Vieira, *Hygiene das familias*, Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira – Editor, 1896; Galtier-Boissière, *Hygiène nouvelle*, 2.ª ed., Paris: Librairie Larousse, s.d.; José Cid, *Coimbra. Demographia e hygiene*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1902; Anna Fischer-Dückelmann, *A mulher medica de sua casa. Livro de hygiene e medicina familiar*, Lisboa: Antiga Casa Bertrand — Livraria Editora, 1907; L. H Dejust., *Réportoire d'hygiene et de médecine sociales*, Paris: Union des syndicats médicaux de France, 1923.

10. Ver de Ricardo Jorge, *Hygiene social applicada á Nação Portugueza. Conferencias feitas no Porto*, Porto: Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos–Editor, 1885.

11. Sobre a organização dos serviços de saúde em Portugal veja-se: F. A. Gonçalves Ferreira, *História da saúde e dos serviços de saúde em Portugal*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

12. Cf. Regulamento Geral dos Serviços de Saúde e Beneficência Pública de 24 de dezembro de 1901. In *Boletim dos Serviços Sanitarios do Reino*, n.º 1, Lisboa, 1902, p. 59.

13. Sobre Ricardo Jorge ver: Rui Manuel Pinto Costa, *Ricardo Jorge: Ciência, humanismo e modernidade*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

14. Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, "A 'nave' dos micróbios na Universidade de Coimbra". In: *Património Cultural em Análise (Actas do Encontro Nacional)*, Coimbra: Grupo de Arqueologia e Arte do Centro — G.A.A.C., 1998, pp. 113–127.

15. Cf. Jorge Fernandes Alves; Rita C. Alves, "Ferreira da Silva e o Laboratório Químico Municipal do Porto (1884–1917)", *Estudos do Século XX*, n.º 12, 2012, p. 22. Dos mesmos autores veja-se: A. J. Ferreira da Silva – Nos Caminhos da Química, Porto: UPorto Editorial, 2013.

16. Cf. Ana Leonor Pereira, João Rui Pita, "Liturgia higienista no século XIX — pistas para um estudo", *Revista de História das Ideias*, n.º 15, Coimbra, 1993, p. 482. Veja-se, também, Ferreira de Mira, *História da medicina portuguesa*, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1947, p. 454.

17. Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "Charles Lepierre au Portugal (1867–1945). Son influence décisive sur la santé publique, sur la chimie et sur la microbiologie", *Revue d'Histoire de la Pharmacie*, n.º 328, Paris, 2000, pp. 463–470; Ana Leonor Pereira e João Rui Pita "Chemistry applied to medicine and public health: the work carried out by Charles Lepierre (1867–1945) in Portugal", in Isabel Malaquias, Ernst Homburg e M. Elvira Callapez (dir.), *5th International Conference on History of Chemistry - "Chemistry, Technology and Society" - Proceedings*, Lisboa: SPQ-Sociedade Portuguesa de Química, 2006, pp. 664–671.

18. Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal... , p. 96.

19. Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal". In: José Mattoso (dir.), *História da vida privada em Portugal*, vol. *A época contemporânea* (coord. Irene Vaquinhas), Lisboa: Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2011, p. 98.

20. Sobre a história da indústria cosmética veja-se: Florence E. Wall, "Historical Development of Cosmetics Industry", in M.S. Balsam e Edward Sagarin (Dir.), *Cosmetics Science and Technology*, 2.ª ed., vol 3, New York: John Wiley & Sons, 1974, pp. 37–161.

21. Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal...", p. 100.

22. Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal...", p. 100.

23. Uma visão geral sobre a higiene do corpo vide a obra clássica mas muito importante de Georges Vigarello, *Le propre et le sale. L'higiène du corps depuis de Moyen Age*, Paris: Editions du Seuil, 1985.

24. Sobre o bidé leia-se o breve apontamento de Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "Au Portugal aussi... l'étrange objet en forme de guitare. À propos de l'article 'L'hygiène intime: le bidet", *Revue d'Histoire de la Pharmacie*, n.º 321, Paris, 1999, pp. 121–122.

25. *Diccionario de hygiene e medicina al alcance de todos*, Lisboa: João Romano Torres & Cia Editores, 1908, p. 3.

26. *Diccionario de hygiene e medicina ao alcance de todos*... p. 366.

27. *Diccionario de hygiene e medicina ao alcance de todos*... p. 366.

28. Sobre a história geral dos cosméticos veja-se, por exemplo, S. K. Chaudhri e N. K. Jain, "History of cosmetics", *Asian Journal of Pharmaceuticals*, n.º 3, Mandsaur, 2009, pp. 164–167.

29. Cf. Moacyr Scliar, "História do conceito de saúde", *Physis. Revista de Saúde Coletiva*, n.º 17 (1), 2007, pp. 29–41.

30. Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal..." , p. 108.

31. Sobre os cosméticos e o envelhecimento ver, por exemplo, Caroline Searing e Hannah Zeilig, "*Fine Lines*: cosmetic advertising and the perception of ageing female beauty", *International Journal of Ageing and Later Life,* n.º 1, 2017, pp. 7–36.

32. Sobre o papel dos cosméticos na atração sexual e na sensualidade vejam-se, entre vários, Jean Ann Graham e A.J. Jouhar, "The effects of cosmetics on person perception", *International Journal of Cosmetic Science*, vol. 3, n.º 5, 1981, pp. 199–210; Jean Ann Graham e A.J. Jouhar, "Cosmetics considered in the context of physical attractiveness: a review", *International Journal of Cosmetic Science*, vol. 2, n.º 2, 1980, pp. 77–101. T. J. Elliot "Cosmetics – functional and aesthetic?", *International Journal of Cosmetic Science*, n.º 5,1984, pp. 231–239.

33. Ver, por exemplo, Jorge Barros Capinha, *Higiene dos cabelos, coiro cabeludo e barba*, Coimbra: Moura Marques, 1916.

34. Agarena de Leão, *Livro de oiro de Vénus. Para ser bela. O culto da formusura — Conselhos e receitas sobre a higiene da beleza —. O triunfo da mulher*, Lisboa: Livraria e Papelaria Albano de Sousa & Barbosa, Lda, s.d.

35. Sobre os primórdios da publicidade a cosméticos ver, entre outros, Claudine Chevrel e Béatrice Cornet, *Grain de bauté – un siècle de beauté para la publicité*, Paris: Somogy Éditions d'Art, 1993.
Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "La publicité pharmaceutique, médicale et cosmétique dans la revue *A Illustração* ", *Revue d'Histoire de la Pharmacie*, n.º 309, Paris, 1996, pp. 159–168.

36. Cf. Gabriela Mota Marques, *Cabelos à Joãozinho: a garçonne em Portugal nos anos 20*, Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

37. Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, "A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal...", p. 115.

LIST OF ILLUSTRATIONS

Title	**Figura 1 - Capa da obra de A. Coriveaud, *A saúde dos nossos filhos. Hygiene da primeira infância*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, s.d, p. 109.**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-1.jpg
File	image/jpeg, 895k
Title	**Figura 2 - Publicidade a Gyraldose, in Almanack do Urodonal para 1930**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-2.jpg
File	image/jpeg, 164k
Title	**Figura 3 - Sagrotan, Ilustração Portuguesa, 2ª série, 975, 1938**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-3.png
File	image/png, 113k
Title	**Figura 4 — Publicidade a produtos Oly, que se comercializavam na Academia Cientifica de Beleza [Madame Campos], 2ª série, 971, 1936**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-4.png
File	image/png, 121k
Title	**Figura 5 — Pasta Medicinal Couto, Ilustração Portuguesa, 2ª série, 975, 1938**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-5.png
File	image/png, 76k
Title	**Figura 6 — Pó de Arroz Nally, Ilustração Portuguesa, 2ª série, 974, 1938**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-6.png
File	image/png, 172k
Title	**Figura 7 — Publicidade a Pasta Couraça, Ilustração Portuguesa, 2ª série, 974, 1938**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-7.png
File	image/png, 308k
Title	**Figura 8 - Publicidade a depilatório, in Illustração Portugueza, 327, 1912**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-8.png
File	image/png, 354k
Title	**Figura 9 - Capa da obra de Jorge Barros Capinha, *Higiene dos cabelos, coiro cabeludo e barba*, Coimbra, Moura Marques, 1916**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-9.jpg
File	image/jpeg, 903k
Title	**Figura 10 — Publicidade a Frisadores Electricos West e a Sabonete Verbena, in Illustração Portugueza, nº 247, 1910**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-10.png
File	image/png, 116k
Title	**Figura 11 - Capa do livro de Agarena de Leão, *Para ser bela*, Lisboa, Albano de Sousa & Barbosa, Lda, s.d. (início do século XX)**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-11.jpg
File	image/jpeg, 580k
Title	**Figura 12 - Publicidade a Kurlash, 2ª série, 971, 1936**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-12.png
File	image/png, 98k
Title	**Figura 13 — Publicidade ao Creme Simon, Illustração Portugueza, 2ª série, 477, 1915**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-13.png
File	image/png, 112k
Title	**Figura 14 - Publicidade aos "Sabonetes Republicanos", in Almanach de A Lucta, 1911**
URL	http://books.openedition.org/cidehus/docannexe/image/18595/img-14.jpg
File	image/jpeg, 266k

AUTHOR(S)

João Rui Pita
Professor da Faculdade de Farmácia; Investigador e Coordenador Científico do Grupo de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX – CEIS20.
Email:jrpita@ci.uc.pt

Ana Leonor Pereira
Professora da Faculdade de Letras; Investigadora e Coordenadora Científica do Grupo de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX – CEIS20.
Email:aleop@ci.uc.pt

The text and other elements (illustrations, imported files) may be used under OpenEdition Books License, unless otherwise stated.

"Oh! O rico almoço de morangos"

Dos cuidados com os corpos femininos na revista África Médico (1934-1947)

Publicações do Cidehus

SITE MAP
Series
- Biblioteca - Estudos & Colóquios
- Fontes e Inventários
All books
See books
- By authors
- By keywords
Information
- About us - Contact
- Editing rules
- Scientific Refereeing
Admin

FOLLOW US
E-mail : cidehus@uevora.pt
URL : http://www.cidehus.uevora.pt
Address :
Palácio do Vimioso
Largo do Marquês de Marialva, n.º 8
Apartado 94
7000-809 Évora
Portugal

OpenEdition Books
Catalogue
Author(s)
Publishers
Selections
Excerpts

OpenEdition
OpenEdition is a web platform for electronic publishing and academic communication in the humanities and social sciences.
OpenEdition Journals
OpenEdition Books
Hypotheses
Calenda
OpenEdition Freemium
Legal Information
Terms of use
Privacy Policy
About Cookies
Report a problem